

Leia nesta edição

PÁGINA 02 | Editorial

A. Tema de capa

» Entrevistas

PÁGINA 05 | Gilberto Dupas: A ética do mercado financeiro internacional é o lucro

PÁGINA 08 | Antonio Prado: Hegemonia neoliberal: “Certamente não foi um período brilhante para a história da humanidade”

PÁGINA 10 | Carlos Lessa: “A extensão dessa crise vai ser medida pelo impacto dela sobre a China”

PÁGINA 12 | Fernando Ferrari Filho: A “mão invisível” do mercado não funciona sem a “mão visível” do Estado

PÁGINA 14 | José Guilherme Vieira: O neoliberalismo acabou (não foi o fim da história, portanto)

PÁGINA 17 | Leda Paulani: “O discurso neoliberal continuará impassível a desfiar os seus disparates”

PÁGINA 20 | Luiz Gonzaga Belluzzo: “Será difícil que o padrão que prevaleceu até hoje possa sobreviver”

PÁGINA 22 | Roberto Camps Moraes: A crise atual não pode ser atribuída ao capitalismo e às idéias econômicas liberais

PÁGINA 25 | Luiz Antônio de Oliveira Lima: “O dinheiro não se administra a si mesmo”. Lições da política econômica keynesiana

B. Destaques da semana

» Entrevista da Semana

PÁGINA 30 | Maria Isabel Limongi: “O conflito é o motor da vida política”

» Livro da Semana

PÁGINA 32 | Augusto de Campos: em busca da “alma” e da “forma”

» Invenção

PÁGINA 38 | Dennis Radünz

» Destaques On-Line

PÁGINA 42 | Destaques On-Line

C. IHU em Revista

» Agenda de Eventos

PÁGINA 46 | Gerson Fauth: Exploração da camada pré-sal no Brasil: possibilidade de fomento econômico e geração de emprego diante das perspectivas de extração de petróleo

PÁGINA 47 | Octavio Conceição: Da Teoria da Regulação ao atual desequilíbrio financeiro: uma reflexão da economia a partir do pensamento de Michael Aglietta

» IHU Repórter

PÁGINA 49 | Vanessa Cristina da Silva

» Perfil Popular

PÁGINA 50 | Maria Virgínia Petry



IHU ONLINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

A.

Tema de Capa

A ética do mercado financeiro internacional é o lucro

Para o professor Gilberto Dupas, a persistir essa crise no nível em que está, temos de esquecer realmente o patamar de crescimento de 5% pelo menos por um ano ou talvez mais

POR GRAZIELA WOLFART

Os fatores principais de preocupação em relação à renda e à demanda brasileira em função da crise financeira internacional, sob o olhar do professor Gilberto Dupas, é a “diminuição da demanda externa de commodities, que afetam nossos volumes de exportação e, ao mesmo tempo, uma diminuição do crescimento da demanda interna em função de um menor crescimento do próprio país”. Na entrevista que concedeu por telefone à IHU On-Line, Dupas alerta para o fato de que continuamos praticando, no Brasil, as maiores taxas de juros do mercado internacional. “Então, evidentemente que a diminuição da taxa de juros seria uma condição essencial, que não foi alcançada, para estarmos num período de maior estabilidade do crescimento”.

Gilberto Dupas é professor visitante da Universidade de Paris II e da Universidade Nacional de Córdoba e membro da Comissão de Ética da SBPC (Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência) e do Conselho Nacional de Avaliação do Ensino Superior (CONAES). Entre seus livros mais recentes publicados, citamos *O mito do progresso* (São Paulo: UNESP, 2006) e *Espaços para o crescimento sustentado da economia brasileira* (São Paulo: UNESP, 2007).

IHU On-Line - Com a melhora na renda dos brasileiros, aumentou o consumo também. O que muda e como esse cenário se transforma a partir da crise financeira internacional?

Gilberto Dupas - Nós passamos, na economia brasileira, por uma fase interessante, que foi disparada pela explosão das exportações de *commodities* neste século, a partir do grande aumento da demanda chinesa. Nesta fase, num primeiro tempo, a renda foi alimentada pelas exportações. Num segundo momento, que é esse onde estávamos um pouco antes da crise, vários outros fatores alimentaram a renda; não só o crescimento do emprego, como o crescimento da demanda interna, especialmente em alguns setores, como construção civil, além do fator de previdência e aposentadoria. Então, estávamos num momento da economia brasileira, crescendo mais de 5% ao ano, em que se associavam aos ganhos motivados pela exportação fatores endógenos, que significavam

a expansão do mercado interno, que permitia esse crescimento. Precisamos lembrar, também, que, ao mesmo tempo em que crescia a renda, também crescia o endividamento de médio e longo prazo. A estabilidade relativa da inflação tinha permitido, ainda que com taxas de juro muito altas, recordes no mundo, com o Selic a 14%, que a expansão do prazo de financiamento, tanto de bens de consumo duráveis como de residências, proporcionasse um significativo aumento do endividamento, comprometendo, portanto, a renda futura do brasileiro. Evidentemente que já havia sinais de preocupação, embora pequenos, porque, como o prazo do endividamento aumentou e essas dívidas eram sustentadas por uma taxa de juros muito alta, imaginava-se que poderia haver na frente um ciclo de inadimplência por conta destes prazos longos de financiamento. Este era o quadro antes da crise internacional que tínhamos aqui no Brasil.

Depois da crise

Agora, podemos dizer que crise internacional afeta, fundamentalmente, duas coisas. Primeiro: a capacidade do Brasil de manter níveis de exportação da mesma magnitude em dólar que mantinha anteriormente, em função da queda da economia mundial. E, em segundo lugar, é preciso reconhecer que os efeitos desta queda da economia mundial caem sobre a própria renda interna, considerando que, se o país vier a crescer menos no ano que vem (já se fala em números da ordem de 2 a 3%), evidentemente a expansão da renda deve acompanhar essa diminuição do crescimento. Esses são os fatores principais de preocupação do lado da renda e da demanda: uma diminuição da demanda externa de commodities, o que afeta nossos volumes de exportação e, ao mesmo tempo, uma diminuição do crescimento da demanda interna em função de um menor crescimento do próprio país.

IHU On-Line - Com a crise financeira internacional, como fica a questão dos empréstimos e financiamentos bancários?

Gilberto Dupas - Isso depende, justamente, deste quadro de projeção da renda futura do brasileiro. Houve uma sensível melhora nas rendas, especialmente das classes baixas. Uma parte muito significativa dos pobres foi incorporada à chamada classe média baixa.¹ Então, isso significou a possibilidade de uma classe social, que basicamente consumia poucos bens de consumo duráveis, entrar numa fase nova, que foi a que nós vimos até então. Vamos nos lembrar que financiamento é basicamente comprometimento das rendas futuras. E, portanto, as rendas futuras caindo, a lógica será de tomar novos empréstimos e de diminuir o pagamento os empréstimos em curso. Isso pode afetar o consumo. Outro fator preocupante também se refere à questão da casa própria. Especialmente nas classes de renda baixa, mas, em geral, o que tem predominado agora é não só o emprego formal, mas também o emprego flexível. E isso faz com que o tempo de permanência no emprego, na mesma atividade, encurte, o que significa também que os deslocamentos do local de trabalho devem ser mais intensos. Se a liquidez no mercado de imóveis estiver muito boa, o sujeito que comprou um imóvel e seu emprego passou para um lugar distante, pode vender esse imóvel e passar para a frente. Se, por acaso, a liquidez imobiliária estiver baixa, num momento de maior contração, e a sua condição de pagar as prestações de casa própria diminuírem, nós teremos provavelmente um imóvel abandonado, com dificuldades de liquidez. Então, esses são os fatores principais que podem afetar a questão dos empréstimos. Não nos esquecendo nunca que continuamos praticando as maiores taxas de juros do mercado internacional. Então, evidentemente que a diminuição da taxa de juros seria uma condição essencial, que não foi alcançada, para estarmos num período de maior estabilidade do crescimento.

¹ Sobre o tema, confira a IHU On-Line número 270, de 25-08-2008, intitulada *Uma nova classe média brasileira?* (Nota da IHU On-Line)

“De um lado, podemos dizer que a história do capitalismo é a história das suas crises.

Capitalismo sem crise não é capitalismo”

Pelo contrário, do jeito que as coisas caminham hoje, com o dólar neste novo patamar, e com a nossa dependência muito grande de importações (dado que acabamos nos acostumando em exportar commodities e importar tecnologia), significa um encarecimento muito grande das importações. Isso pode ter pressões inflacionárias e a tendência normal de um Banco Central ortodoxo como o nosso é reagir ao aumento de pressão de preços com aumento de juros ainda mais. O que pode tornar complicada não só a questão da inadimplência, mas também a própria condição de crescimento a níveis em que estávamos antes. O que quer dizer que, em última análise, a persistir essa crise no nível em que está, precisamos esquecer realmente o patamar de crescimento de 5% pelo menos por um ano ou talvez mais.

IHU On-Line - Considerando o capitalismo neste mundo globalizado, quais os maiores riscos para a economia nacional da crise financeira que abala principalmente os Estados Unidos?

Gilberto Dupas - Em primeiro lugar, essa crise nos pega e pega a maioria dos países da América Latina também numa posição de reservas bastante forte. É absolutamente inédito na história brasileira a reserva de mais de 200 bilhões de dólares. Isso pode nos dar, num primeiro momento, uma certa sensação de conforto. Mas precisamos imaginar que essas reservas têm como correspondentes, do outro lado, um estoque muito grande de capital especulativo, de capital flutuante internacional, ou de brasileiros do exterior que reaplicam aqui, que

se movem com grande velocidade nos momentos de crise. Vimos agora, nestes dias, o impacto disso não só na bolsa de valores, como também no crédito de curto prazo. Estima-se que esse capital volátil deve atingir em torno de 280 bilhões e é possível que nesta crise tenham saído uns 30 bilhões. Isso quer dizer que há muito capital volátil ainda a sair. E se nós tivermos uma crise de grandes proporções, que junte uma recessão internacional com a diminuição das exportações do Brasil e com o aumento da taxa do dólar, nós poderemos ter sinais de crise de contas correntes, que já estão por aí. Isso pode significar que essas reservas, na pior das hipóteses, possam ser consumidas com grande rapidez, o que não só acenderia um sinal amarelo sobre a questão da dívida externa, mas também da dívida interna brasileira. Isso é tudo o que nós gostaríamos que não acontecesse.

IHU On-Line - Quais as principais repercussões no mundo inteiro da re-provação inicial do pacote bilionário de Bush para salvar os bancos americanos? Como entra aqui a discussão sobre a tensão entre público e privado, considerando o uso do dinheiro do Estado para recuperar instituições privadas como os bancos?

Gilberto Dupas - Tem se falado muito em Keynes nesses últimos tempos. Vocês mesmos estão nessa edição da revista preocupados com isso. Isso tem muito a ver, porque Keynes trabalhou com essa idéia da diferença entre especulador e investidor, caracterizando o mercado financeiro fundamentalmente como volátil, do ponto de vista do especulador, e a atividade produtiva como sendo o mercado do investidor. Keynes dizia que os mercados financeiros favorecem o investimento e sustentam a demanda agregada, na medida em que diminuem o risco do investidor de assumir posições ilíquidas. Porque, no caso, por exemplo, do mercado de ações, o investidor, quando investe num mercado estável, sabe que se essa companhia tiver uma rentabilidade menor do que a de uma bolsa estável, ele pode sempre vender suas ações em bolsa e poder fazer sua liquidez. O que quer dizer, nesse

caso, que o mercado financeiro para ele poderia ser até um mercado bastante positivo com relação à dinâmica capitalista. Só que Keynes lembra que o investidor incorpora a idéia de que ele pode sempre sair da sua posição de ações e daí, citando o clássico, “o que vale para todos individualmente, mas que não vale para nenhum enquanto conjunto”. O que quer dizer o seguinte: se vem uma crise de grandes proporções e o mercado financeiro perde liquidez e trava, como o que vimos, acontece o que tipicamente chamamos de “comportamento de manada”; se todos querem sair ao mesmo tempo, ninguém pode sair. Foi o que vimos recentemente com relação às ações dos bancos americanos, que tiveram uma queda muito grande e que, portanto, viraram pó. Keynes estabelece claramente um perfil para a atividade de especulação, que diz ser uma atividade que consiste em prever a psicologia do mercado. E que “os especuladores podem não causar dano quando são apenas bolhas num fluxo constante de empreendimento, mas a situação torna-se séria quando o empreendimento de converte em bolhas num turbilhão especulativo”. É exatamente o que nós temos aqui agora. Basicamente, o mercado especulativo no mercado financeiro se transformou num jogo de pôquer.

IHU On-Line - Que previsões podemos fazer para o crescimento econômico brasileiro, tendo em vista o desfavorável cenário financeiro internacional?

Gilberto Dupas - Tudo indica que esta fase de crescimento de mais de 5% no Brasil deve refluir para níveis em torno de 3%, se tudo estiver mais ou menos bem no ano que vem. As repercussões mais profundas da crise sobre os bancos brasileiros, por exemplo, é muito provável que sejam bastante pequenas, porque não só os bancos brasileiros não entraram como os bancos americanos, de maneira tão intensa nesse mercado especulativo de segundo e terceiro nível, mas porque também o Brasil tem fundamentos razoáveis agora para não estar tão atingido por essa crise. Mas estará atingido, sem dúvida, e, evidentemente, o quadro

só se tornará mais grave se tivermos efetivamente uma erosão rápida das nossas reservas por conta de uma crise de conta corrente, envolvendo a diminuição das exportações e a dificuldade de diminuir as importações, além de pressões inflacionárias por conta do preço dessas importações no consumo interno, e algum sinal de preocupação com relação à dívida interna realimentada à taxa de juros muito alta. Se a crise internacional for grande o suficiente para que contamine dessa forma o quadro brasileiro, aí poderíamos ter cenários mais preocupantes no Brasil.

IHU On-Line - Como o capitalismo e o mercado liberal podem enfrentar o “mal financeiro” constituído? Podemos vislumbrar possíveis transformações na estrutura do capitalismo?

Gilberto Dupas - Essa é uma questão muito relevante e difícil. De um lado, podemos dizer que a história do capitalismo é a história das suas crises. Capitalismo sem crise não é capitalismo. Fazendo uma retrospectiva histórica, lembramos que o capitalismo se tornou o sistema dominante depois da derrocada dos regimes socialistas reais e, sendo dominante, se viu desobrigado a trazer efetivamente o que prometia, que era o bem-estar geral, da inclusão de populações maiores. Pelo contrário, o que vemos é um aumento da população pobre no mundo. O que fez diminuir o número de pobres nesses últimos 20 anos foi o crescimento da China, que se deu aplicando regras contrárias aos princípios liberais. No entanto, não há nenhum sistema alternativo que podemos propor quando criticamos o capitalismo. Mas temos de fazer essa crítica, esperando que o capitalismo possa se reformar. Quais são as chances de uma reforma no sistema capitalista? É muito complicado, porque o risco e a capacidade do empreendedor de buscar oportunidades de maximização do lucro onde quer que elas estejam e passando por cima de valores de natureza social e política só pode ser controlado com Estados fortes e com instituições reguladoras internacionais fortes, que possam definir as regras, que limitem o tamanho das “garras” do capitalismo, de tal for-

ma que as empresas possam exercer sua atividade de maximização do lucro sem danos sociais muito intensos. Estamos vendo o sintoma de que as instituições financeiras internacionais não funcionam mais neste nível do capitalismo globalizado, operando com grande velocidade e transferência de fluxos em tempos reais em mercados especulativos. A grande pergunta é: o capitalismo quer ser regulado? E a segunda pergunta é: o capitalismo pode ser regulado por instituições reguladoras internacionais?

IHU On-Line - Qual a ética predominante no sistema financeiro internacional, que nos permite entender as origens e os rumos da atual crise?

Gilberto Dupas - A ética do mercado financeiro internacional e a ética do capitalismo é o lucro. Este é o grande problema. Portanto, a sociedade precisa criar a sua ética para definir limites para essa mola fundamental da lógica capitalista. Este é o grande dilema: a sociedade civil, através do exercício da política, das suas entidades políticas, tem de buscar uma ética que procure definir regulações que permitam ao capitalismo exercer a sua dinâmica de tal modo que a “fúria” do empreendedor não bata de frente com as necessidades da sociedade e com os princípios éticos mais fundamentais da promoção do ser humano, da inclusão social mínima, da proteção contra a fome, do emprego mínimo decente. Vamos ver se a ética da sociedade pode combinar com a ética do lucro.

LEIA MAIS...

>> Confira na nossa página eletrônica entrevistas concedidas por Gilberto Dupas à IHU On-Line. Acesse www.unisinos.br/ihu.

Entrevistas:

* *Nanotecnologias: entre a lógica do mercado e a necessidade das sociedades*. Notícias do Dia de 30-05-2008;

* *Nanotecnologias: mais um mito do progresso?* Revista IHU On-Line nº 259, de 26-05-2008.

>> Confira na nossa página eletrônica as duas edições dos Cadernos IHU Idéias, de autoria de Gilberto Dupas. Acesse www.unisinos.br/ihu.

* Edição nº 55, *Terra habitável: o grande desafio para a humanidade*;

* Edição nº 77, *Progresso: como mito ou ideologia*.

Hegemonia neoliberal: “Certamente não foi um período brilhante para a história da humanidade”

Para o economista Antonio Prado, teremos uma recessão em escala planetária caso se mantenha a rejeição ao pacote bilionário nos EUA

POR GRAZIELA WOLFART

“Esses bancos de investimento não tinham supervisão e, portanto, fizeram operações extremamente arriscadas, alavancando operações muito acima do seu capital. E, ao quebrarem, colocaram todo o sistema financeiro e a economia real numa situação de risco de colapso.” A avaliação é do economista Antonio Prado, chefe da representação do BNDES em Brasília. Para ele, na entrevista concedida por telefone à IHU On-Line, a saída é “resgatar o sistema financeiro dessa situação de pré-colapso, rever as regulações e punir os responsáveis”. Ao refletir sobre a relação entre democracia e crescimento econômico, Prado enfatiza: “Para haver desenvolvimento econômico e social, é preciso ter crescimento com distribuição de renda em um ambiente democrático”. Economista, mestre e doutor pelo Instituto de Economia da Unicamp, Antonio Prado é professor licenciado no Departamento de Economia da PUC-SP, ex-diretor técnico do Dieese (1990 a 1999) e atual chefe da representação do BNDES em Brasília.

IHU On-Line - Como entra aqui a discussão sobre a tensão entre público e privado, considerando o uso do dinheiro do Estado para recuperar instituições privadas como os bancos?

Antonio Prado - Essa é uma questão bastante delicada, porque ela deveria ter sido evitada através de regulações adequadas. Esses bancos de investimento não tinham supervisão e, portanto, fizeram operações extremamente arriscadas, alavancando operações muito acima do seu capital. E, ao quebrarem, colocaram todo o sistema financeiro e a economia real numa situação de risco de colapso. Esse colapso certamente custaria muito mais caro do que esse pacote de 700 bilhões de dólares. É bom dizer que é possível recuperar parte importante desses recursos, mas, de fato, estamos numa situação em que a utilização de recurso público para recuperar uma situação provocada por agentes privados provoca uma grande tensão. No entanto, não há outra saída neste momento. É preciso resgatar o sistema financeiro

“Nunca houve o mercado auto-regulado da forma que os teóricos liberais apresentam”

dessa situação de pré-colapso, rever as regulações e punir os responsáveis.

IHU On-Line - Qual a importância do Estado e da regulação dos mercados para a recuperação da ordem financeira mundial? O livre mercado não funciona realmente?

Antonio Prado - Nunca houve o mercado auto-regulado da forma que os teóricos liberais apresentam. Se verificarmos a construção do sistema capitalista, perceberemos que a atuação do Estado sempre foi essencial para que houvesse mercado operando de forma regular e contínua. Existem livros que tratam dessa questão. O principal deles é *A grande transformação*, de Karl Polanyi.¹ Ele deixa muito claro que o

¹ Karl Polanyi (1886-1964): economista austríaco. Sua obra principal é *A grande transformação - As origens de nossa época* (Rio de Janeiro:

mercado é uma construção institucional a partir do sistema político. Então, não existe isso de “mercado auto-regulado”. Durante o século XX, houve uma tentativa de reduzir essa regulação, a partir dos anos 1980 e 1990, e deu no que deu agora, nessa situação de completa desordem em Wall Street, mas que se espalha, se difunde, por todo o Planeta.

IHU On-Line - Que balanço o senhor faz do período da hegemonia das políticas liberais? Quais suas consequências em relação às demandas sociais e à volatilidade econômica?

Antonio Prado - O balanço preliminar é que houve uma regressão do ponto

ro: Campus, 1980). Sobre o economista, a IHU On-Line 147, de 27-06-2005, dedicou o tema de capa *A grande transformação. As origens da nossa época*. (Nota da IHU On-Line)

de vista do desenvolvimento do bem-estar social durante esse período. O que caracterizou o crescimento econômico de prevalência do neoliberalismo foi justamente a perda de conquistas do ponto de vista de coesão social, de redução das heterogeneidades da sociedade, de segurança no mercado de trabalho, de segurança pessoal. Esse é um período em que houve uma tentativa de se desidratar as políticas de Welfare State. Em muitos casos, houve, de fato, uma redução de direitos ou pelo menos uma redução na velocidade do desenvolvimento dessas políticas. O resultado, do ponto de vista do desenvolvimento da sociedade, de conquista da autonomia e da realização do ser humano, é uma perda substantiva durante esse período. Houve uma concentração brutal de renda, e os ordenados de executivos dessas grandes corporações, principalmente do sistema financeiro, se tornaram milionários. E não é por acaso que um dos pontos negociados nesse pacote de ajuda ao mercado financeiro norte-americano é de uma restrição ao pagamento de bônus a esses executivos das grandes corporações financeiras. Justamente porque isso se tornou um escândalo nos Estados Unidos, principalmente, onde presidentes e diretores de grandes corporações recebem ordenados de até 250 milhões de dólares anuais. Certamente não foi um período brilhante para a história da humanidade.

IHU On-Line - É possível conciliar democracia e crescimento econômico?

Antonio Prado - Democracia numa ordem social capitalista é essencial. Porque essa ordem social tem uma característica de só distribuir os resultados das conquistas realizadas pela máquina econômica, capitalista, a partir de uma sociedade organizada. E isso só se desenvolve com democracia, que é essencial para que haja uma disputa legítima dos ganhos de produtividade da máquina econômica e do orçamento público. Onde não há democracia, pode até haver crescimento, mas este, certamente, não redundará em desenvolvimento econômico. Temos esse aumento da heterogeneidade que exclui uma parcela substantiva da população

“Estamos no limiar de uma mudança importante do ponto de vista do sistema financeiro mundial”

do crescimento econômico. Para haver desenvolvimento econômico e social, é preciso existir crescimento com distribuição de renda em um ambiente democrático.

IHU On-Line - Que alternativas podemos vislumbrar para a saída da crise financeira internacional? O que deveria fazer parte de uma nova regulação para o mercado?

Antonio Prado - Certamente, as instituições que participam do mercado financeiro precisam ser reguladas. Não podemos ter segmentos com capacidade de operações financeiras sem regulação. Foi o que ocorreu agora com os bancos de investimento. Todas essas instituições deverão ser reguladas em âmbito nacional e internacional. Provavelmente, não haverá só uma reforma na regulação em cada um dos países, mas também a necessidade de rever o Acordo da Basileia,² que estabelece esses limites prudenciais para o sistema financeiro. Outra coisa importante é a fiscalização de algumas instituições, por exemplo, as empresas de classificação de risco,

2 O Acordo de Capital de Basileia, oficialmente denominado International Convergence of Capital Measurement and Capital Standards, também designado por Acordo de Basileia, foi um acordo firmado em 1988, na cidade de Basileia (Suíça), por iniciativa do Comitê da Basileia e ratificado por mais de 100 países. Este acordo teve como objectivo criar exigências mínimas de capital, que devem ser respeitadas por bancos comerciais, como precaução contra o risco de crédito. Basileia I não conseguiu evitar inúmeras falências de instituições financeiras na década de 1990. Em 2004, o Comitê da Basileia lançou um novo documento em substituição ao acordo de 1988. O Basileia II, como ficou conhecido, fixa-se em três pilares e 25 princípios básicos sobre contabilidade e supervisão bancária. (Nota da IHU On-Line)

as empresas de auditoria e também a própria legislação em termos de transparência das operações das grandes corporações. É necessário que haja uma ampliação da transparência. Não é possível que você tenha crises sucessivas, como tivemos, por exemplo, em 2001. Ela foi grave e envolveu empresas quase centenárias de auditoria. Não é possível que agora tenhamos outra crise em que agências de classificação de risco tenham deixado passar títulos podres³ com classificação AAA. Também não é possível que tenhamos grandes corporações realizando operações altamente especulativas e que isso não apareça de forma transparente em seus balanços. Tudo isso precisará ser regulamentado com muito cuidado.

IHU On-Line - O senhor acha importante resgatar as teorias de Keynes nesse momento?

Antonio Prado - A teoria keynesiana é fundamental em situações de ameaça de colapso, como essa. Ela sempre estabeleceu a necessidade de uma intervenção do Estado para impedir que tenhamos processos deflacionários intensos. Hoje, o grande risco é que, se temos uma liquidação de ativos⁴ em escala planetária, sairemos de uma inflação para uma deflação. A teoria keynesiana defende a intervenção e a regulação do Estado justamente para que se possa ter um mercado que não se autodestrua. Esse é o centro da preocupação de Keynes, não só como teórico, mas também como político, que discutia a crise de 1929, o entre-guerras e Bretton Woods, em 1944. A preocupação de Keynes é justamente ter percebido que o mercado capitalista precisa ser regulado, senão ele tem uma tendência ao caos.

IHU On-Line - Como entender que em uma economia globalizada ainda exista tanta exclusão social? Que

3 Títulos podres são títulos não pagos pelos tomadores dos empréstimos. Estão na base da crise atual: 4 milhões de americanos que haviam financiado seus imóveis deram “calote” na dívida; quem tinha esses créditos ficou com o prejuízo, que se espalhou pelos mercados. (Nota da IHU On-Line)

4 Ativos são bens, direitos, créditos e valores pertencentes a uma empresa ou pessoa. (Nota da IHU On-Line)

tipo de instituição absorve as demandas sociais das massas excluídas?

Antonio Prado - Estamos vivendo, nos últimos 40 anos, uma grande conflagração política entre duas visões do mundo capitalista. Uma é essencialmente keynesiana, de que devemos ter o Estado intervindo de forma importante na economia, regulando e com instituições que permitam geração de emprego, de renda e de crescimento. Uma outra visão é a liberal, de que precisamos diminuir da forma mais drástica possível a participação do Estado na economia e sua regulação das atividades econômicas. Portanto, nesta conflagração, tivemos uma hegemonia liberal nesses últimos 40 anos. Passamos também por uma hegemonia keynesiana do período que vai do fim da Segunda Guerra até meados da década de 1970, durante, portanto, 30 anos. Infelizmente, o resultado é que essa hegemonia liberal nas políticas impediu que existisse uma distribuição de renda do crescimento ocorrido nesse período. Houve crescimento. O que não houve foi um avanço do bem-estar social em nível planetário. O que tem ocorrido recentemente, completamente fora desses mecanismos, é que alguns países, em que o Estado tem um papel relevante na economia, conseguiram processos de desenvolvimento que retiraram centenas de milhões de pessoas da pobreza, como é o caso da China e da Índia, por exemplo.

IHU On-Line - O que podemos esperar para os próximos meses?

Antonio Prado - Nesse momento, o mais relevante é acompanhar a negociação política desse pacote nos Estados Unidos e também a mobilização das instituições multilaterais para tratar desse assunto da regulação em escala planetária. Haverá a necessidade de acompanhar tanto o que ocorre nos Estados Unidos quanto o que ocorrerá em cada país em termos de revisão das suas regulações do sistema financeiro, de monitoramento das operações do sistema financeiro e também os debates nas instituições multilaterais. Estamos no limiar de uma mudança importante do ponto de vista do sistema financeiro mundial.

“A extensão dessa crise vai ser medida pelo impacto dela sobre a China”

Para o economista Carlos Lessa, a falência de bancos tradicionais revela que a crise norte-americana irá extravasar as fronteiras dos Estados Unidos, prejudicando a economia mundial

POR BRUNA QUADROS, GRAZIELA WOLFART E PATRICIA FACHIN

Entre altos e baixos, o cenário econômico norte-americano tem deixado o mundo em alerta. Será que o capitalismo chegou ao fim? Não. Ele tem “recursos para minimizar a crise”, afirma Carlos Lessa, em entrevista concedida por telefone à **IHU On-Line**, na última semana. Mas com tanta turbulência, aponta, o capitalismo vai “negar a sua ideologia de livre mercado, porque sofrerá uma intervenção do Estado para superar essa crise”. Ainda não há como medir os estragos dessa tensão, mas uma coisa é certa: “O Brasil já foi atingido”, garante Lessa, que justifica: “A bolsa de valores caiu violentamente, o real se desvalorizou, a taxa de câmbio subiu, e as empresas brasileiras que têm empréstimos no exterior estão com muitas dificuldades de renová-los”. Segundo ele, esses indicativos já estão comprometendo a economia brasileira de 2009, e, se medidas não forem tomadas, os brasileiros correm o risco de assistir a “uma bolha interna”. “Duvido que seja possível manter o crescimento explosivo de vendas a crédito às famílias brasileiras. Elas se endividaram de maneira assustadora nos últimos dois anos, e agora, como vão segurar o pagamento de suas prestações com os juros subindo?”, questiona. O momento é cauteloso e o Brasil deve “desenvolver políticas de controle de câmbio e de regulação das exportações”, aconselha. Ex-presidente do BNDES, Lessa é formado em Ciências Econômicas, pela antiga Universidade do Brasil, e doutor em Ciências Humanas, pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Campinas (Unicamp).

IHU On-Line - Como o senhor vê a crise financeira internacional? Acredita que ela pode provocar mudanças no capitalismo?

Carlos Lessa - Toda e qualquer crise provoca danos no capitalismo. Obviamente, esse tem recursos para minimizar a crise, mas, em última instância, negará a sua ideologia de livre mercado, porque sofrerá uma intervenção do Estado para superar essa crise.

O capitalismo já enfrentou muitas anormalidades e deu a volta por cima. Só que a superação não é instantânea. As crises sempre têm efeitos prolongados e de difícil enfrentamento. Então, nesse caso, a especulação financeira desenfreada comandada pelos bancos norte-americanos debilitou o sistema financeiro mundial e acabou com o papel do dólar como reserva mundial. O problema é que não tem um instrumento alternativo à moeda americana. Em torno desse instrumento alternativo, ocorrerá uma discussão geo-

política poderosíssima. Como o mundo agora é monopolar, não acredito que teremos uma guerra, como aconteceu no passado. Mas, de qualquer modo, passaremos por uma intensidade diplomática incrível. França, Alemanha e Rússia já disseram que é necessária uma reunião para reformular o sistema financeiro mundial. Por trás disso, esses países querem dizer que é preciso substituir o dólar por uma outra regra para estabilizar o sistema financeiro.

Crise abalou países conservadores

Impressionei-me ao ver que o principal banco Suíço, o UBF, extremamente conservador, perdeu 40 bilhões de dólares até agora. Isto é um indicador de que os bancos do mundo inteiro se moveram em direção aos derivativos norte-americanos, e por isso estão perdendo.

Com certeza, a turbulência não ficará restrita aos Estados Unidos, mas eu diria que a extensão dessa crise será medida pelo impacto dela sobre a China. Não tenho nenhuma informação atualizada do que está acontecendo com o país. Porém, certamente os Estados Unidos, principal mercado para a China, vai reduzir as compras, fazendo com que a crise se estenda até lá. As repercussões da crise no continente Asiático vão demonstrar a extensão de como e quanto o Brasil será abalado nas exportações. Nós somos exportadores de produtos primários que, nos últimos anos tiveram os preços melhorados, devido à presença chinesa. Se a crise norte-americana chegar até a China e os chineses reduzirem o ritmo das suas compras, isso será muito preocupante para o Brasil.

IHU On-Line - Qual o risco do Brasil ser atingido? Concorde com a postura do presidente Lula em demonstrar tranquilidade?

Carlos Lessa - O Brasil já foi atingido pela crise de alguma maneira, pois a bolsa de valores caiu violentamente, o real se desvalorizou, a taxa de câmbio subiu, e as empresas brasileiras que têm empréstimos no exterior estão com muitas dificuldades de renová-los. Assim, a reserva internacional brasileira começou a diminuir. Por

“O Brasil é um dos poucos países que têm condições de controlar uma situação dessas. Porém, é necessário mudar a política econômica, principalmente em sua dimensão monetária e cambial”

isso, nesse momento, o Brasil deveria desenvolver políticas de controle de câmbio e de regulação das exportações. Lula procura passar a idéia da tranquilidade, mas tem medo de uma mudança na classificação de risco brasileiro, o que agora seria uma coisa muito ruim para o país. Isso explica o discurso otimista.

IHU On-Line - Como o senhor avalia a economia brasileira, a partir do sentimento ufanista de crescimento econômico?

Carlos Lessa - O que aconteceu com a crise já comprometeu o ano de 2009. Quer dizer, os 5% que o Brasil cresceu em 2007 e 2008 ficarão na história como um “vôo de galinha”. 2008 já está comprometido por uma razão muito simples: os empresários sabem ler os sinais, e vão reduzir os projetos de investimentos. Por outro lado, duvido que seja possível manter o crescimento explosivo de vendas a crédito às famílias brasileiras. Elas se endividaram de maneira assustadora nos últimos dois anos, e, agora, como vão segurar o pagamento de suas prestações com os juros subindo? Se não houver novos empregos e se os empregos atuais ficarem abalados, as pessoas terão dificuldades para pagar as dívidas. Poderá acontecer o que eu chamo de uma bolha interna.

IHU On-Line - Acredita que, caso a crise atinja o Brasil, o país tem condições de controlar a situação?

Carlos Lessa - O Brasil é um dos poucos países que têm condições de controlar uma situação dessas. Porém, é necessário mudar a política econômica, principalmente em sua dimensão monetária e cambial. A política atual do Banco Central nos arrastou para esse precipício, e não acredito que eles mudem significativamente a política. Pelo contrário, vão insistir em atrair dólares para o país. No entanto, os dólares estão saindo do Brasil, apesar de o país ter indicadores muito melhores que os dos Estados Unidos.

IHU On-Line - Qual sua avaliação sobre o capital estrangeiro investido no Brasil? O que pode acontecer com a política de juros considerando o novo cenário financeiro internacional?

Carlos Lessa - Considero nefasta a presença desse capital especulativo dentro do Brasil. Há muito tempo, defendia controles na entrada desses investimentos no país, devido à insegurança desses capitais. Se depender do Banco Central, o juro será elevado, porque eles vão querer reter os dólares no Brasil de qualquer maneira, já que têm medo de uma desvalorização cambial. Se o país elevar mais os juros, o que poderia haver ainda de projeto de investimento privado em ampliação de produção, será paralisado.

IHU On-Line - Qual sua opinião sobre o uso do FGTS para a compra de ações de Petrobras?

Carlos Lessa - Não tenho nada contra a compra dessas ações através do uso do FGTS, porque os brasileiros compram pouco, cerca de 2, 2%. Não penso que seja ruim para os brasileiros, a longo prazo, serem donos de um pedaço da Petrobras. O que me deixou extremamente irritado foi a venda de mais de 30% das ações da Petrobras na Bolsa de Nova Iorque. Isso foi criminoso. Em 1983, 87% do capital da Petrobras era do tesouro nacional. Hoje, o valor se reduziu a menos de 40%. A maior parte do capital da Petrobras foi vendida ou na bolsa de Nova Iorque ou para estrangeiros na Bolsa de São Paulo.

A “mão invisível” do mercado não funciona sem a “mão visível” do Estado

Fernando Ferrari Filho destaca que em situações de crises de demanda efetiva, políticas fiscal e monetária contra-cíclicas e políticas de renda são imprescindíveis para mitigar os problemas de desemprego

POR GRAZIELA WOLFART

Conforme análise do economista Fernando Ferrari Filho, “em um mundo globalizado e financeirizado, de livre mobilidade de capitais, a crise do *subprime* é a expressão mais clara e contundente de como a demanda por riqueza financeira e especulativa acaba gerando crises econômicas”. Com certeza, continua ele, “Keynes e os pós-keynesianos são as referências para entendermos os turbulentos dias atuais”. Na entrevista que concedeu por e-mail para a **IHU On-Line**, Fernando Ferrari afirma que “a crise de liquidez financeira dos Estados Unidos sem dúvida alguma afeta o lado real da economia norte-americana, ocasionando deflação dos ativos e recessão, e desencadeia um efeito contágio na economia mundial, principalmente na economia européia, especialmente a região do Euro, e a economia asiática”. Fernando Ferrari Filho é graduado em Economia, pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), mestre em Economia, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), doutor em Economia, pela Universidade de São Paulo (USP), e pós-doutor pela University of Tennessee System (1996). Atualmente, é professor titular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Ele publicou, nos **Cadernos IHU Idéias** nº 37, o artigo *As concepções teórico-analíticas e as proposições de política econômica de Keynes*. O texto está disponível para *download* em www.unisinos.br/ihu.

IHU On-Line - Em que sentido as teorias de Keynes podem ser úteis no sentido de compreender a crise financeira internacional? Keynes contribui para vislumbrarmos alguma saída ou alternativa?

Fernando Ferrari Filho - A origem da crise do *subprime*¹ está relacionada às perdas causada pelo crescente default dos empréstimos das hipotecas de *subprime*, grande parte delas “se-

¹ *Subprime*: em bom português, “de segunda”. Enquanto as hipotecas *prime* foram concedidas aos bons pagadores, as *subprime* foram parar nas mãos de clientes de alto risco — aqueles com grandes chances de não efetuar os pagamentos e que nos Estados Unidos ficaram conhecidos como “ninja” (sigla em inglês para “sem renda, sem trabalho, sem bens”). (Nota da IHU On-Line)

“A reestruturação do sistema monetário internacional está na ordem do dia”

curitizadas” e distribuídas a investidores do mercado global. O agravamento da referida crise, por sua vez, passa pelo aumento da fragilidade financeira produzida por um lento e não percebido processo de erosão das margens de segurança de firmas e bancos, visto que os agentes apresentam posturas especulativas, que resultam em práticas de empréstimos de alto risco. Pois bem, sabendo que a teoria keynesiana explica os motivos pelos

quais economias monetárias/capitalistas são inerentemente instáveis — sinteticamente, em um contexto de incerteza aguçada em relação aos resultados econômicos esperados em um futuro próximo e diante de um ambiente institucional desfavorável às tomadas de decisões, os agentes econômicos postergam decisão de gastos (consumo e investimento) e preferem liquidez (manutenção da riqueza na forma monetária) —, logo, em um

mundo globalizado e “financeirizado” e de livre mobilidade de capitais, a crise do *subprime* é a expressão mais clara e contundente de como a demanda por riqueza financeira e especulativa (“securitizada” e “coberta”) acaba gerando crises econômicas. Com certeza, Keynes e os pós-keynesianos, dentre os quais H. Minsky,² são as referências para entendermos os turbulentos dias atuais.

IHU On-Line - O senhor acredita que a crise financeira internacional em efeito dominó pode provocar mudanças no capitalismo?

Fernando Ferrari Filho - A crise do *subprime* e, por conseguinte, a crise de liquidez financeira dos Estados Unidos, sem dúvida alguma afeta o lado real da economia norte-americana, ocasionando deflação dos ativos e recessão, e desencadeia um efeito contágio na economia mundial, principalmente na economia européia, especialmente a região do Euro, e a economia asiática.

IHU On-Line - Segundo Keynes, o que é necessário para assegurar a estabilidade econômica e a harmonia social?

Fernando Ferrari Filho - Em situações de crises de demanda efetiva, políticas fiscal e monetária contra-cíclicas e políticas de renda são imprescindíveis para mitigar os problemas de desemprego. Essa, sem dúvida, é a principal mensagem do capítulo 24 da *The general of employment, interest and money*, de J. M. Keynes.

IHU On-Line - Qual a contribuição do Estado para a sobrevivência do capitalismo? Como o senhor avalia, nesse sentido, a postura do presidente Bush e do presidente Lula?

Fernando Ferrari Filho - A “mão invisível” do mercado não funciona sem a “mão visível” do Estado. Em outras palavras, pelo fato de os mercados terem, inerentemente, falhas de coordenação, a intervenção do Estado, vi-

“Em um mundo no qual o futuro é incerto e desconhecido, os indivíduos preferem reter moeda”

sando criar um ambiente institucional favorável à realização de investimentos privados e expandindo a demanda efetiva, é imprescindível. Sem dúvida alguma, a discussão internacional atual não está centrada na questão terrorista, mas, sim, na crise financeira mundial, no fracasso da Rodada de Doha³ e na perspectiva da recessão mundial, entre outros temas econômicos. Nesse sentido, o discurso de Lula da Silva foi muito mais relevante do que o de G. W. Bush.

IHU On-Line - Podemos imaginar no contexto atual a proposta de Keynes de um capitalismo administrado, em que as disfunções do mercado fossem supridas pela intervenção do Estado?

Fernando Ferrari Filho - As crises cambiais e financeiras dos últimos anos, tais como as cambiais dos países emergentes ao longo dos anos 1990 e início dos anos 2000 e a recente crise norte-americana, mostram que a reestruturação do sistema monetário internacional está na ordem do dia. Nesse particular, mais uma vez, o legado de Keynes é de fundamental importância para se pensar a referida reestruturação. Uma

³ Rodada de Doha: rodada de negociações da Organização Mundial do Comércio (OMC). Começou em novembro de 2001. O objetivo era a adesão à Agenda de Desenvolvimento de Doha, e a partir daí negociar a abertura dos mercados, agrícolas e industriais. A rodada de Doha visa diminuir as barreiras comerciais em todo o mundo, com foco no livre comércio para os países em desenvolvimento. As conversações centram-se na separação entre os países ricos, desenvolvidos e os maiores países em desenvolvimento (representados pelo G20). (Nota da IHU On-Line)

proposta de reestruturação do sistema monetário internacional, tendo como base as idéias de Keynes, passa, pelo menos, por quatro pontos: (1) criação de um *international market maker*, emissor de uma moeda de conversibilidade, capaz de assegurar a liquidez necessária à expansão da demanda efetiva mundial; (2) controle dos fluxos de capitais de curto prazo (especulativos); (3) mecanismos de reciprocidade de ajustamento de balanço de pagamentos; e (4) taxas de câmbio administradas. Em outras palavras, a reestruturação do sistema monetário internacional precisa ser arquitetada de forma tal que o referido sistema não fique à mercê do livre mercado e, principalmente, da hegemonia econômico-financeira de determinado país.

IHU On-Line - Como Keynes veria o chamado “livre mercado”?

Fernando Ferrari Filho - Com ceticismo. Keynes, a partir, dos anos 1920, passa a ser bastante crítico do capitalismo à *la laissez-faire*. Por exemplo, em um artigo intitulado “The end of laissez-faire”, Keynes já argumentava que “o capitalismo, relativamente, administrado poderia ser mais eficiente”.

IHU On-Line - Podemos perceber algo das proposições de Keynes na política econômica do governo Lula?

Fernando Ferrari Filho - Em termos do tripé da política macroeconômica, qual seja, regime de metas de inflação, metas de superávit fiscal e flexibilidade cambial com livre mobilidade de capitais, política que vem sendo implementada no país desde 1999 e que foi endossada pelo governo Lula da Silva, não há similaridade entre a referida política e as proposições de Keynes. Todavia, se levarmos em consideração os programas de natureza social, tais como Bolsa Família e o Programa de Aceleração do Crescimento, pode-se dizer que esses programas procuram distribuir renda e criar um ambiente institucional favorável à realização dos investimentos privados, respectivamente.

IHU On-Line - Como entender, principalmente no contexto econômico

² Hyman P. Minsky (1919-1996): economista americano pós-keynesiano, autoridade em teoria monetária e instituições financeiras. Foi membro do Departamento de Economia da Universidade de Washington. (Nota da IHU On-Line)

atual, a afirmação de Keynes de que, em uma economia monetária, a moeda nunca é neutra?

Fernando Ferrari Filho - Em um mundo no qual o futuro é incerto e desconhecido, os indivíduos preferem reter moeda e, por conseguinte, suas decisões de gasto, sejam de consumo, sejam de investimento, são postergadas. Em outras palavras, a retenção de moeda, por parte dos indivíduos, se constitui em uma forma de segurança contra a incerteza em relação aos seus planos de transações e produção. Por que moeda? Porque moeda é o ativo líquido *par excellence*.

IHU On-Line - Quais as principais mudanças na economia introduzidas pela revolução teórica de Keynes e que permanecem com força até os dias atuais?

Fernando Ferrari Filho - As principais contribuições da teoria keynesiana são o “princípio da demanda efetiva” e a “teoria monetária da produção”. As duas contribuições ajudam a explicar porque as economias capitalistas não convergem para o pleno emprego e, mais ainda, são sujeitas a recorrentes instabilidades. O principal legado em termos de política econômica e que é válido nos dias de hoje? Estado e mercado são duas instituições complementares. Há uma sinergia entre ambas as instituições. A intervenção do Estado, seja em termos, eventualmente, de atividade produtiva e de políticas públicas, seja no sentido de criar mecanismos que propiciem um ambiente institucional favorável às tomadas de decisões dos indivíduos, constitui-se na solução para as crises de demanda efetiva e de desemprego.

LEIA MAIS...

Confira outras entrevistas concedidas por Fernando Ferrari Filho. Acesse nossa página eletrônica www.unisinos.br/ihu

Entrevistas:

* Uma política econômica única e exclusivamente para controlar a dinâmica inflacionária. Revista IHU On-Line nº 204, de 13-11-2006.

* Programa de aceleração do crescimento. Um ano depois. Notícias do Dia de 23-01-2008.

O neoliberalismo acabou (não foi o fim da história, portanto)

Para José Guilherme Vieira, o índice de confiança empresarial já demonstra, na prática, que teremos uma recessão forte assegurada

POR GRAZIELA WOLFART

Restrição ao crédito no curto prazo? “Não se engane! É só o começo”, alerta o professor da Universidade Federal do Paraná José Guilherme Vieira. Ao refletir sobre a crise financeira internacional, ele dispara: “Eu não recomendaria para ninguém se endividar agora. Daí para frente é tudo previsível: esfriamento da construção civil, desemprego, queda no setor de serviços, mais empresas em dificuldade, inadimplência, quebras, mais desemprego”. Na entrevista que segue, concedida por e-mail para a **IHU On-Line**, Vieira afirma que “o Estado é necessário para regular não só o sistema financeiro como também para defender a concorrência”. Ele se diz um grande defensor do capitalismo regulado e acha que, nisso, pode ser considerado um seguidor de Keynes. Graduado em Ciências Econômicas, pela Fundação Universidade Federal do Rio Grande, José Guilherme Vieira é mestre e doutor em Desenvolvimento Econômico, pela Universidade Federal do Paraná. Atualmente, é também professor na Universidade Positivo e nas Faculdades Integradas Santa Cruz, de Curitiba.

IHU On-Line - Em que sentido as teorias de Keynes podem ser úteis para compreendermos a crise financeira internacional? Keynes contribui para vislumbrarmos alguma saída ou alternativa?

José Guilherme Vieira - Keynes, mais do que Kalecki,¹ outro grande nome na heterodoxia, ajuda a entender muito bem esse estado de ânimo dos investidores no mercado de capitais. No famoso capítulo 12 de sua *Teoria Geral* ele descreve, aliás, de forma ambígua, o papel desse tipo de “investidor”. Ao mesmo tempo em que o especulador permite o aumento da liquidez na economia, causa também as instabilidades e contribui para a formação de um ambiente de incertezas. A partir daí, podemos ter bem claro que a leitura de sua obra-prima pode nos ajudar a prever os próximos passos “naturais” da crise. Isso quer dizer que, independente dos desdobramentos da crise no sistema bancário (que é séria e sistêmica) o “Animal Spirit” já foi abalado. O índice de confiança empresarial — que é a melhor proxy para medir esse estado de espírito do empresário brasileiro — já demonstra, na prática, que teremos uma recessão forte assegurada. Keynes e Kalecki se

1 Michał Kalecki (1899-1970): economista polonês, especialista em macroeconomia. Seus trabalhos de 1933 a 1935 introduziram proposições de Keynes. De suas obras, citamos *A Theory of Commodity, Income and Capital Taxation*, de 1937, e *The Last Phase in the Transformation of Capitalism*, de 1972. (Nota da IHU On-Line)

parecem mais com relação ao que se deve fazer diante da crise, mas a sutileza da interpretação dos mecanismos que levam a uma parada nos investimentos é uma contribuição única do mestre inglês.

IHU On-Line - O senhor acredita que a crise financeira internacional em efeito dominó pode provocar mudanças no capitalismo? Que tendências se apresentam?

José Guilherme Vieira - Sim, a crise é sistêmica. Além dos impactos naturais em todo o castelo de cartas que se erigiu em cima de créditos podres, os impactos mais imediatos nos setores da economia real se fazem sentir sobre aqueles que vendem a prazos longos (imóveis e automóveis) devido a um contínuo encarecimento de crédito e redução de prazos para pagamentos. Não se engane! Qualquer restrição que venha a surgir no curto prazo é só o começo. Eu não recomendaria para ninguém se endividar agora. Daí para frente é tudo previsível: esfriamento da construção civil, desemprego, queda no setor de serviços, mais empresas em dificuldade, inadimplência, quebras, mais desemprego. O que deve acontecer no Brasil é que o governo vai acabar acelerando as obras do PAC para compensar o desaquecimento, sobretudo porque em 2010 tem eleição presidencial. Mas, no mundo, as coisas se arrastarão por mais tempo e acabarão, sim, por decretar uma mudança de paradigmas. Em primeiro lugar, porque os efeitos da recessão econômica acabam por se refletir na mudança de governos. Insatisfeitos com a crise em seus países, os eleitores tendem a promover a renovação política. O novo governo, por sua vez, precisa mudar o *status quo*. Assim, espero um maior fechamento das economias mundiais para o comércio internacional (embora em menor escala do que antes dos anos 1980) e um maior fechamento do mercado de capitais (esse sim, em grande escala). O neoliberalismo acabou (não foi o fim da história, portanto).

IHU On-Line - O livre mercado é viável na atual economia capitalista ou a intervenção do Estado é realmente

necessária?

José Guilherme Vieira - Nunca houve livre mercado. Estados Unidos e Europa nunca se abriram para os produtos dos países emergentes. Na realidade, essa retórica foi sempre em favor dos seus próprios interesses comerciais. Nós deveríamos abrir nossos mercados, mas eles não. Argumentos como “setores sensíveis” sempre estiveram na mesa de negociações. No entanto, eu sou favorável ao livre mercado, acredito na lei das vantagens comparativas. É uma pena que nunca possamos testá-la na prática, pois isso exigiria a ausência de barreiras comerciais. O ponto em que realmente não acredito é que o sistema de preços funcione. Saiu um livro esse ano, *Previsivelmente irracional* (Rio de Janeiro: Campus, 2008), de Dan Ariely,² que mostra como pensamos os preços na prática. O mercado não é capaz de mandar sinais eficientes através de preços. E eu provo isso: qual é o valor da Vale do Rio Doce? Bom, se esse valor é estabelecido pelo preço das suas ações eu imagino que todos os dias eles estejam assinando e rasgando contratos (pois essa seria a única explicação para a flutuação absurda de seus preços na Bolsa de Valores de São Paulo). O Estado é necessário para regular não só o sistema financeiro como também para defender a concorrência. Eu sou um grande defensor do capitalismo regulado e acho que nisso posso ser considerado um seguidor de Keynes.

IHU On-Line - Qual a principal contribuição da retórica na economia keynesiana para a revolução na economia provocada por suas teorias?

José Guilherme Vieira - Keynes, em certo sentido, é um seguidor de Keynes. (Nota da IHU On-Line)

“A revolução keynesiana está para a economia como Einstein está para a física”

ta medida, foi um artista. Ele era mesmo uma celebridade na Inglaterra. Dava entrevistas, circulava entre a elite, os intelectuais. Você pode ver sua personagem em filmes que retratam a vida de vários escritores famosos. Mas o fato de ser filho da elite e ter uma excelente educação burguesa fazia com que suas palavras, fossem elas quais fossem, tivessem espaço para serem ouvidas. Eu me interessei pela análise da retórica de Keynes depois de ler um trabalho de Francisco Anuatti³ (USP), que falava sobre o assunto. Daí resolvi fazer o mesmo estudo só que focado na *Teoria geral do emprego, do juro e da moeda*. Quando empreendi a leitura do livro com esse propósito, tive uma outra percepção da sistemática de Keynes. Antes, sempre achei o livro desorganizado (embora genial pelo conteúdo). Às vezes, achei-o confuso e mesmo incompreensível em determinados trechos. Mas pude ver que essa confusão foi muitas vezes proposital. Por exemplo: concluí, entre outras coisas, que a distribuição de renda também era uma variável chave (e não apenas marginal) no esquema de Keynes. Para a economia, portanto, um programa como o Bolsa Família é extremamente positivo no seu esquema teórico. Os especuladores financeiros também são responsabilizados pelas crises na economia capitalista. Mas por que ele apresenta esses temas com pouco destaque? Porque seria revolucionário demais juntar medidas destinadas a corrigir esses problemas a todo o conjunto de outras mudanças propostas. Eu acho que ele também viu a janela de oportunidade que se abriu diante de seus olhos para se colocar enfaticamente como a única alternativa dentro do

³ Francisco Anuatti: economista brasileiro, autor de, entre outros, *Manual de Economia* (4. ed. São Paulo: Editora Saraiva, 2003). (Nota da IHU On-Line)

capitalismo (já que a outra possibilidade de sair da depressão de 1929 seria o socialismo soviético). E isso pode ser visto no capítulo 24 da *Teoria geral*, no qual Keynes diz para onde deve levar a sua filosofia. A revolução keynesiana está para a economia como Einstein está para a física. Ocorre que, diferentemente do que ocorre com a física, na economia a Revolução foi sucedida de uma contra-revolução que tentou apagar tudo dos livros. Veja os livros de economia de hoje: apagaram Marx,⁴ Keynes onde foi possível (obviamente, não na macroeconomia) e enaltecem Friedman,⁵ Lucas etc. Acho que vem uma Revolução paradigmática por aí. Mas não sei o que virá, que corrente dará as cartas. Mas, com certeza, será intervencionista.

IHU On-Line - Podemos estabelecer alguma comparação entre o momento econômico vivido na época da ascensão do paradigma keynesiano e o momento econômico atual?
José Guilherme Vieira - Totalmente. Mas não ainda nesse exato momento. Mais de 10000 bancos faliram nos EUA na década de 1930 (o sistema era composto por pequenos bancos). Estamos longe disso. Mas algumas coisas são semelhantes. O foco da crise é o cerne do sistema e por isso a crise é inegável. O presidente da república dos EUA

4 Karl Marx (1818-1883): filósofo, cientista social, economista, historiador e revolucionário alemão, um dos pensadores que exerceram maior influência sobre o pensamento social e sobre os destinos da humanidade no século XX. Marx foi estudado no *Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia*, promovido pelo IHU. A palestra *A utopia de um novo paradigma para a economia* foi proferida pela Profa. Dra. Leda Maria Paulani, em 23-06-2005. A edição 41 dos *Cadernos IHU Idéias* teve como título *A (anti)filosofia de Karl Marx*, com artigo da mesma professora. (Nota da IHU On-Line)

5 Milton Friedman (1912-2006): economista americano, o mais conhecido líder da Escola de Chicago e defensor do livre mercado. Monetarista, se opôs ao keynesianismo no momento de seu máximo apogeu, nos anos 1950 e 1960. Propõe resolver os problemas da inflação limitando o crescimento da oferta monetária a uma taxa constante. Obteve o Prêmio do Banco da Suécia, em Ciências Econômicas, em memória de Alfred Nobel. Sobre Friedman, confira os *Cadernos IHU Idéias* edição nº 101, intitulada *As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 1*, e edição nº 104, intitulada *As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 2*, de autoria de Roberto Camps Moraes. O material está disponível para download no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU (www.unisinos.br/ihu). (Nota da IHU On-Line)

“O foco da crise é o cerne do sistema e por isso a crise é inegável”

é republicano (como o era na época). Ele também não fez nada no começo da crise como seu correspondente na Depressão. Teremos eleições em que se afigura uma mudança de comando de ideologias (como ocorreu na Depressão). O mundo está dependente dos EUA como sempre (comercial e financeiramente). Vínhamos de um período de expansão global, extrema liquidez, irracionalidade nos mercados de ações e agora assistimos a restrição de liquidez, entesouramento de dinheiro nos bancos, enfim, é o mesmo cenário só que agora os governos agiram relativamente mais cedo e com maior força. Só que isso já não afasta mais a crise.

IHU On-Line - Qual a influência das revoluções científicas para as transformações econômicas? Como Keynes contribui para a compreensão deste fenômeno?

José Guilherme Vieira - Ele foi a única Revolução Científica Kuhniana⁶ na economia. Quase em toda a parte se dizia que Keynes e sua macroeconomia dirigida eram a solução. Acho que a maior contribuição dada pela revolução é que toda a unanimidade é burra quando se fala em ciência. O liberalismo virou uma fé e quando isso estava disseminado veio a crise. De igual forma, quando o mesmo ocorreu com Keynes, veio a crise. Agora,

6 Aqui o entrevistado refere-se a Thomas Samuel Kuhn (1922-1996), físico dos Estados Unidos da América cujo trabalho incidiu sobre história e filosofia da ciência, tornando-se um marco importante no estudo do processo que leva ao desenvolvimento científico. Sua principal obra é *A estrutura das revoluções científicas* (7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2003). (Nota da IHU On-Line)

quando todos falavam das maravilhas do mercado eficiente, veio a crise. É preciso uma dose de pluralismo na economia. Sejamos plurais.

IHU On-Line - Como o senhor avalia a política econômica (juros) do governo Lula e o risco da inflação? Keynes teria algo a ensinar a esse governo?

José Guilherme Vieira - Agora é tarde para falar sobre isso, acho. Perderemos uma oportunidade para crescer e a política monetária não tem mais a força necessária para recuperar a economia da recessão que virá. Pode observar. Não adiantarão pacotes de liquidez se você estiver pensando em salvar o “Animal Spirit”. Os pacotes monetários servem para evitar que o mal se agrave ainda mais. A dose de juros foi exagerada sim e existem razões para acreditar que isso não se deva apenas ao sistema de metas inflacionárias. Mas, como disse, é passado. Se tudo der certo, a inflação será tolerável. Se der tudo errado, teremos deflação!

IHU On-Line - Qual a importância do trabalho para as teorias econômicas de Keynes? Como isso se aplica na sociedade brasileira atual, considerando o aumento de postos de trabalho, do salário mínimo e da renda em geral de uma determinada camada da população?

José Guilherme Vieira - O trabalho sempre foi a única fonte da riqueza produzida. Se existem trabalhadores desempregados, é produto potencial que se perde. Riqueza que não se cria e que divide a que já existe. Reconhecer que não nos encontramos no ponto de emprego máximo e erigir uma teoria que objetiva atingi-lo foi sua maior contribuição. Mas não podemos nos enganar a respeito de onde os trabalhadores entram no esquema keynesiano. Eles são úteis. Eles consomem o que ganham (Kalecki foi mais eficiente em demonstrar as implicações desse ponto). Não é por pena dos trabalhadores que Keynes os quer empregados. Se eu fosse um marxista – e estou longe disso –, diria que ele deseja que eles estejam empregados por que seriam uma espécie de mais-valia desperdiçada.

“O discurso neoliberal continuará impassível a desfiar os seus disparates”

Leda Paulani acredita que estamos vendo agora o resultado do comando prolongado e do mundo desregulado e governado exclusivamente pela lógica do mercado

POR GRAZIELA WOLFART

Na opinião da professora e economista Leda Paulani, em entrevista concedida por e-mail para a IHU On-Line, Keynes ensinou que a teoria do livre mercado não funciona. “Quanto mais deixado a si mesmo, quanto menos regulado, tanto mais forte desponta sua tendência de se enroscar em suas próprias pernas, gerando crises como essa de agora”, afirma ela. “A crise de hoje é um misto de crise clássica com crise estritamente financeira e, tanto num quanto noutro lado, a crise de confiança está presente”. Em outras palavras, completa Paulani, “será muito difícil e demorado reativar a máquina do crédito, sem a qual a economia capitalista funciona muito mal”. Ao falar sobre a contribuição da teoria de Keynes, a economista acredita que certamente o autor diria a Lula para “não desperdiçar a oportunidade aberta pelo pré-sal e impor controles aos fluxos de capital, recuperando assim os graus de liberdade necessários para conduzir a política cambial e a política monetária de modo geral”. Em relação à crise financeira internacional, Paulani vê como evento mais provável “a afirmação do discurso neoliberal, de modo que não é tão cedo que rezaremos sua missa de réquiem”. Leda Paulani é doutora em Teoria Econômica, pelo Instituto de Pesquisas Econômicas da Universidade de São Paulo (USP). Obteve livre docência pela mesma universidade e é presidente da Sociedade Brasileira de Economia Política, pesquisadora do Instituto de Pesquisas Econômicas e professora da USP, além de ser autora de obras como *Modernidade e discurso econômico* (São Paulo: Boitempo Editorial, 2005) e *Brasil Delivery: servidão financeira e estado de emergência econômico* (São Paulo: Boitempo Editorial, 2008). A professora esteve na Unisinos, participando do Ciclo de Estudos Fundamentos Antropológicos da Economia, no qual apresentou o pensamento de Guy Debord (1931-1994), com a palestra *A mercadoria como espetáculo*, em 17 de outubro de 2007.

IHU On-Line - Em que sentido as teorias de Keynes podem ser úteis no sentido de compreender a crise financeira internacional? Keynes contribui para vislumbrarmos alguma saída ou alternativa?

Leda Paulani - A principal contribuição de Keynes, que salta à vista com esta crise, foi ele ter demonstrado que o sistema capitalista não produz por si mesmo o equilíbrio e a harmonia que a teoria econômica convencional (neoclássica) apregoa. Antes o contrá-

rio. Quanto mais deixado a si mesmo, quanto menos regulado, tanto mais forte desponta sua tendência de se enroscar em suas próprias pernas, gerando crises como essa de agora. Marx, de seu jeito, mostrou a mesma coisa. Dentre outras coisas, Keynes mostrou que, quando a crise é de confiança, não adianta muito oferecer liquidez, que o que é preciso é mostrar ao capital privado que há demanda no horizonte e que essas demandas viabilizam novos investimentos. A crise de hoje é

um misto de crise clássica com crise estritamente financeira e, tanto num quanto noutro lado, a crise de confiança está presente. Isso indica que o tal pacote pensado pelo sr. Paulson talvez não seja suficiente para enfrentar o problema, mas, dada a atual pressão sobre os gastos governamentais americanos e o tamanho da dívida que eles já assumiram (os EUA vêm vivendo de dívidas já há alguns anos), a solução vislumbrada por Keynes, mesmo que fosse um dos remédios, está longe do

alcance do governo americano. Em outras palavras, será muito difícil e demorado reativar a máquina do crédito, sem a qual a economia capitalista funciona muito mal.

IHU On-Line - A senhora acredita que a crise financeira internacional pode provocar mudanças no capitalismo?

Leda Paulani - A questão estrutural que está por trás disso tudo foi a mudança no sistema monetário internacional nos anos 1970 do século passado e que manteve a moeda americana como meio internacional geral de pagamento, mesmo com seu vínculo ao ouro tendo sido rompido. Isso deixou os Estados Unidos com a faca e o queijo na mão, pois sua moeda continuou a ser hegemônica, como já era desde Bretton Woods (1944),¹ sem que a economia americana tivesse que pagar por isso o elevado preço de mantê-la permanentemente valorizada, o que colocava em xeque a competitividade de sua economia. Os EUA usaram e abusaram desse poder e pilotaram a chamada financeirização da economia. Por isso, já há algum tempo, se fala que o dólar americano vem perdendo as credenciais que permitem tal situação privilegiada, argumentando-se que o surgimento do euro, bem como o fortalecimento da economia chinesa e asiática, estariam mudando essa situação. A crise de agora oferece a esse tipo de argumento um forte elemento, pois, para além da desvalorização diária da moeda americana frente a outras moedas, coloca-se agora também a nu a fragilidade orgânica da economia americana. Nesse sentido, portanto, se a crise trouxer alguma mudança de peso no sistema capitalista, essa mudança estará sem dúvida relacionada à questão do dinheiro mundial. Não podemos esquecer, contudo, que o dólar americano continua sendo a moeda constitutiva de mais de 70% das reservas monetárias mundiais, o que

¹ As conferências de Bretton Woods, definindo o Sistema Bretton Woods de gerenciamento econômico internacional, estabeleceram em julho de 1944 as regras para as relações comerciais e financeiras entre os países mais industrializados do mundo. O sistema Bretton Woods foi o primeiro exemplo, na história mundial, de uma ordem monetária totalmente negociada, tendo como objetivo governar as relações monetárias entre Nações-Estado independentes. (Nota da IHU On-Line)

“A política se fundamenta muito no candidato que, às vezes, pode ter um bom projeto, mas, quando entra na política, se corrompe”

por si só indica que essa transição do dólar para outra moeda qualquer não deverá ser nem tão simples nem tão rápida.

IHU On-Line - Em que medida a crise financeira internacional está relacionada com o fenômeno da financeirização da economia? Como Keynes analisaria o caso?

Leda Paulani - Evidentemente, crise e financeirização estão diretamente ligadas. Quando se fala em financeirização, o fenômeno que se quer capturar é o aumento crescente da importância da lógica financeira, de caráter rentista, que o capitalismo vem experimentando desde pelo menos o início dos anos 1980 do século passado. Empiricamente, isto é visível na comparação entre o crescimento da riqueza financeira mundial (ações e debêntures, títulos de dívida privados e públicos e aplicações bancárias) e o crescimento do PIB mundial. Entre 1980 e 2006, o primeiro cresceu mais de 14 vezes, enquanto o segundo não chegou a cinco. O aumento da importância da lógica financeira é proporcional ao crescimento da riqueza financeira e aos interesses materiais atrelados a esse crescimento. Ora, a lógica financeira, vale dizer, aquela que procura “fazer dinheiro” sem passar pela esfera produtiva, é a “matriz de todas as formas alucadas de capital” e da “capacidade que o sistema tem de ir além de si mesmo”. O pai dessas idéias não é Keynes, mas Marx. Foi ele quem melhor definiu o crédito e o capital financeiro. É só na teoria

de Marx que há um conceito tão importante quanto o de capital fictício, apto a esclarecer o caráter da crise de agora. Resumidamente, significa que se prega o rótulo de capital em muita coisa que está efetivamente longe de sê-lo. No entanto, como não se trata aí de ilusões subjetivas, mas de ilusões objetivamente constituídas, essas formas descarnadas começam a mandar no sistema como um todo. A posição disso num contexto que tem dinheiro inconversível funcionando como meio de pagamento internacional constitui uma combinação altamente explosiva e ainda mais contraditória do que as relações que constituem a espinha dorsal do capitalismo.

IHU On-Line - Como Keynes veria o chamado “livre mercado”?

Leda Paulani - Keynes foi um dos maiores críticos do livre mercado. Como já afirmei, ele duvidou seriamente da capacidade de o livre mercado produzir resultados equilibrados e convergentes com aquilo que se poderia chamar de “ótimo social”. Quando escreveu a *Teoria geral do emprego, do juro e da moeda*, seu livro mais conhecido, ele já tinha à sua frente, como exemplo concreto de que sua desconfiança tinha fundamento, a crise dos anos 1930 do século passado. Como liberal que era e amante da sociedade organizada pelo mercado, entendeu que para salvar o capitalismo de si mesmo era preciso que o Estado, que, em princípio, pautasse por uma outra lógica, vale dizer, uma lógica distinta da mera busca do lucro, estivesse permanentemente monitorando a máquina capitalista. Marx desconfiou tanto quanto Keynes da capacidade do sistema capitalista de produzir harmonia e simetria, enfatizando, inversamente, sua tendência a produzir desproporções cavalares, enormes concentrações de capital, miséria extrema e crises abissais. Como não tinha nenhum amor por esse tipo de sociedade, que considerava, ao contrário do que apregoava o liberalismo, tão violenta e discriminatória quanto as formações sociais anteriormente inventadas pelo homem, e como trabalhou com a lógica da contradição, fez uma crítica muito

mais abrangente e fundamentada do que a de Keynes.

IHU On-Line - Seria o caso de retomar a macroeconomia keynesiana?

Leda Paulani - A macroeconomia keynesiana transformou-se num evento historicamente datado. É só num quadro como o que brotou da crise de 1930 e das duas guerras mundiais, sob a moldura da guerra fria, que tal macroeconomia pôde ter vida plena. Mas essa página a História já virou. Ficam alguns dos alertas de Keynes, como a necessidade de regular os mercados, principalmente o mercado financeiro, o que leva, por exemplo, à necessidade de controlar os fluxos internacionais de capital.

IHU On-Line - Como entender historicamente a construção do cenário financeiro internacional atual?

Leda Paulani - O cenário financeiro internacional atual é resultado de profundas transformações que estão em curso desde os anos 1960 do século passado, muitas delas resultantes do próprio sucesso das políticas de intervenção que vigoram desde o final da Segunda Guerra, tanto no centro do sistema capitalista quanto em suas periferias. O período de mais de 60 anos que se estende desde 1945 pode ser analisado de vários ângulos. O mais interessante, do ponto de vista da crise que ora presenciamos, é aquele que percebe o mundo construído a partir de Bretton Woods como uma derrota das chamadas altas finanças e do “financismo” e simultaneamente uma vitória da produção real de bens e serviços e, por conseguinte, do capital produtivo. Ora, esses anos dourados do capitalismo, quando a lógica produtiva dava as cartas e colocava as finanças a seu serviço, terminam no início dos anos 1970 do século passado, década na qual se combinam uma reversão cíclica, a enorme elevação dos preços de insumos básicos, a começar pelo petróleo, o fim oficial de Bretton Woods, com a desvinculação do dólar ao ouro, e o empoçamento de liquidez na city londrina, uma praça *off shore*, cujo crescimento de importância foi transformando o mundo capitalista e mudando o bastão de comando da es-

“Mesmo que reste um tanto debilitada, a riqueza financeira deverá continuar a ver seu peso crescer como proporção da riqueza total, o que torna difícil acreditar que subitamente o discurso se altere”

fera produtiva para a esfera financeira. A ascensão do neoliberalismo foi a contraparte ideológica dessa mudança.

O admirável mundo novo da globalização

O retorno vitorioso das altas finanças ao papel de mandarim se consagrou e se reforçou com a difusão dessas idéias, que não se limitaram a pregar o fim da “repressão financeira”, mas a ditar uma cartilha completa de reformas e ajustes que os estados nacionais deveriam empreender para recuperar sua saúde econômica e conquistar um lugar ao sol no admirável mundo novo da globalização. O resultado desse comando prolongado e do mundo desregulado e governado exclusivamente pela lógica do mercado (que, nesse quadrante histórico, consumou-se como lógica financeira), estamos vendo agora. Entretanto, isso não quer dizer que, nesse meio tempo, os estados nacionais tenham enfraquecido. Ao contrário, eles se fortaleceram de várias formas, inclusive com os meios violentos necessários para submeter todo o sistema econômico aos caprichos da valorização financeira e para viabilizar a extração de renda real que, de uma forma ou de outra, com maior ou menor cor-

respondência, deve estar por trás do crescimento do capital fictício. Geopoliticamente, isso significou o fortalecimento dos EUA, situação que evidentemente se complica agora, mas cuja mudança radical não acredito que tão cedo aconteça.

IHU On-Line - A senhora acredita que o neoliberalismo está se aproximando do fim?

Leda Paulani - O discurso livre-cambista não deve se enfraquecer por causa dessa crise. Ao contrário, a crise será um belo álibi para a continuação da pregação anterior e para o reforço da exigência de mais reformas, mais ajustes, mais cortes de direitos, pois afinal estamos numa situação emergencial. Mesmo que a realidade desminta frontalmente a crença nas virtudes do mercado deixado a si mesmo, o discurso neoliberal continuará impassível a desfiar os seus disparates. É muito difícil que os EUA dêem o nome aos bois em relação à prática intervencionista que vêm adotando. Eles continuarão a pregar as virtudes do mercado e de sua capacidade auto-regulatória. Além do mais, mesmo que reste um tanto debilitada, a riqueza financeira deverá continuar a ver seu peso crescer como proporção da riqueza total, o que torna difícil acreditar que subitamente o discurso se altere.

IHU On-Line - Como avalia a postura do governo brasileiro? Se atingido pela crise, terá como se reerguer usando como “força” o vangloriado crescimento econômico? O que Keynes poderia ensinar a Lula?

Leda Paulani - A reação do governo brasileiro tem sido errática, ora afirmando que “a crise é lá deles” ou que o país não será afetado por ela, pois fez a “lição de casa” e os “fundamentos” da economia estão mais sólidos, ora concedendo que, de uma forma ou de outra, seremos afetados. Bem, é evidente que, sendo a crise do tamanho que é, dificilmente passaremos incólumes. Por mais que nosso sistema financeiro não tenha se envolvido no tipo de operação que detonou a crise, o aumento da insegurança e a perda de confiança nos negócios em geral tornarão, como já

vêm tornando, muito mais difícil para as empresas que operam na economia doméstica a obtenção do crédito externo, fácil, barato e abundante de que até então desfrutavam, além de afugentar boa parte do capital que para cá tem vindo em busca dos elevados rendimentos e de ativos a preços baixos oferecidos pela economia brasileira. Além disso, a necessidade de honrar compromissos assumidos em outras praças deve levar embora outro tanto de capital. Acrescenta-se ao cenário a maior fragilidade de nosso balanço de pagamentos (vide a estrutura muito mais rígida que hoje apresenta o balanço de serviços e rendas) e as consequências da crise para o desempenho de nossa balança comercial. O aumento do valor do dólar, com conseqüente desvalorização da moeda doméstica, pode não ser suficiente para compensar a queda de demanda pelas *commodities* que uma crise muito funda nos EUA provocará na economia mundial, particularmente no gigante chinês. Tudo somado, o tempo de bonança em nosso balanço de pagamentos pode estar chegando ao fim. Keynes certamente diria a Lula para não desperdiçar a oportunidade aberta pelo pré-sal e impor controles aos fluxos de capital, recuperando assim os graus de liberdade necessários para conduzir a política cambial e a política monetária de modo geral. Resta saber se a banca vai permitir tamanha autonomia. Como afirmei anteriormente, o evento mais provável é a afirmação do discurso neoliberal, de modo que não é tão cedo que rezaremos sua missa de réquiem.

LEIA MAIS...

Confira outras entrevistas concedidas por Leda Paulani. Acesse nossa página eletrônica www.unisinos.br/ihu
Entrevistas:

* "Só uma crise de grandes proporções mudará o rumo do governo" - Revista IHU On-Line número 125, de 29-11-2004.

* Lula. "Um governo muito amigo do capital produtivo e financeiro". Notícias do Dia de 07-10-2007.

* "O PAC não se constitui num projeto para a economia do país". Notícias do Dia de 29-02-2008.

“Será difícil que o padrão que prevaleceu até hoje possa sobreviver”

Na opinião do economista Luiz Gonzaga Belluzzo, a experiência da desregulamentação e da liberalização financeira mostrou que os mercados deixados a sua própria lógica de funcionamento podem levar a desfechos como esses que estamos observando

POR GRAZIELA WOLFART

A saída para a crise financeira internacional não será encontrada num passe de mágica, segundo a análise do professor Luiz Gonzaga Belluzzo. Em entrevista concedida por telefone à IHU On-Line, Belluzzo afirma: “Eu imagino que o ambiente mental e ideológico que hoje prevalece será um obstáculo a uma mudança mais profunda. Não há nenhuma evidência de que as reformas necessárias serão implementadas facilmente”. Para ele, a história do capitalismo mostra que o livre mercado é uma utopia. E acrescenta: “Não há mesmo alternativa quando uma crise financeira sistêmica se desenvolve. Se não se decidir pela intervenção decisiva dos mercados, a crise pode avançar a um ponto que destrói completamente a capacidade de decisão dos indivíduos. A menos que a intervenção seja de tal ordem potente e abrangente, como, por exemplo, a estatização do sistema bancário”. Luiz Gonzaga Belluzzo é graduado em Direito, pela Universidade de São Paulo (USP), mestre em Economia Industrial, pelo Instituto Latino-Americano de Planificação-Cepal, e doutor em Economia, pela Universidade de Campinas (Unicamp). Atualmente, é professor do Instituto de Economia da Unicamp e editor da revista *Carta Capital*.

IHU On-Line - O senhor acredita que a crise financeira internacional pode provocar mudanças no capitalismo?

Luiz Gonzaga Belluzzo - Esse é um exercício de adivinhação, mas certamente será difícil que o padrão que prevaleceu até hoje possa sobreviver, particularmente em relação à regulamentação dos mercados financeiros. A experiência da desregulamentação e da liberalização financeira mostrou que os mercados deixados à sua própria lógica de funcionamento podem levar a desfechos como esses que estamos observando, e a processos cumulativos de deflação de ativos com efeitos muito negativos sobre a economia real. É muito provável que haja um debate intenso nos próximos meses a respeito da re-regulamentação. No entanto, é muito difícil saber qual será o desfecho, porque, de uma certa forma, ainda há um predomínio do pensamento conservador. Basta ver o que justificou a não-aprovação imediata do chamado pacote de estabilização. Há muita resistência ideológica a uma mudança mais profunda. Mas isso será decidido no debate político. Eu imagino que o ambiente mental e ideológico que hoje prevalece será um obstáculo a

uma mudança mais profunda. Não há nenhuma evidência de que as reformas necessárias serão implementadas facilmente.

IHU On-Line - Então, na sua opinião, o livre mercado não funciona?

Luiz Gonzaga Belluzzo - A história do capitalismo mostra que isso é uma utopia, como chamou Karl Polanyi, “a utopia do mercado auto-regulado”, e isso se aplica mais especificamente aos mercados de crédito e que têm uma tendência intrínseca a produzir instabilidade. Recentemente, essas avaliações feitas por economistas como Keynes, Marx, Schumpeter,¹ ou Minsky, foram superadas por um bloco de teorias insustentáveis e formuladas ideologicamente a respeito da auto-regulação dos mercados. A teoria dos mercados eficientes, por exemplo, defende a idéia de que, diante das informações disponíveis, o mercado produz sempre o melhor resultado com ajustamentos não traumáticos. Isso é uma falsificação a respeito do objeto que estão tratando. No entanto, está muito entranhado no ideário popular. Essa decisão de negação inicial do congresso americano não foi acidental. Foi resultado de uma forte convicção popular transmitida, inclusive, pela mídia. A imprensa teve um trabalho esplendoroso, nesse período, de convencer as pessoas de que existe uma oposição entre o livre mercado e o Estado, que teremos mais livre mercado se tivermos menos Estado. Isso é uma tolice. Tenho lido que a decisão inicial do congresso americano foi a rebelião da política contra a economia, o que é um equívoco. Foi, na verdade, a repetição da vitória do economicismo sobre a política, porque o economicismo tomou conta do congresso americano.

IHU On-Line - Como o senhor vê a não aceitação inicial do pacote proposto por Bush? Além da queda das bolsas, que outras consequências podemos esperar para a economia internacional?

Luiz Gonzaga Belluzzo - A queda e

1 Joseph Alois Schumpeter (1883 - 1950): economista austriaco, entusiasta da integração da Sociologia como uma forma de entendimento de suas teorias econômicas. Seu pensamento esteve em debate no I Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia, promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos - IHU em 2005. (Nota da IHU On-Line)

a subida das bolsas só refletem um pouco o grau de perplexidade que tomou conta dos mercados. A bolsa só é o sintoma do que está ocorrendo. O mais grave que está acontecendo é a contração do crédito global, o *credit crunch* global. Isso configura uma crise de crédito que está começando a se espalhar pelo mundo inteiro, atingindo mesmo países com sistemas bancários mais sólidos, como é o caso do Brasil.

IHU On-Line - Como o Brasil está sendo e ainda será atingido por essa crise econômica, principalmente do ponto de vista do emprego e da renda?

Luiz Gonzaga Belluzzo - Se a crise de crédito se agravar, o Brasil tem instrumentos para enfrentá-la e precisa ter muita capacidade de decisão para se livrar do paradigma anterior. O Brasil vinha vindo de uma etapa de rápido crescimento da economia, estava crescendo a 6%, o crédito se expandindo, o investimento estava acelerando. Agora, a tendência do setor privado é reduzir o crédito. E isso vai afetar, sem dúvida, o desempenho da economia. Mas o Brasil não está envolvido diretamente nessa crise financeira. Não foram praticadas aqui essas imprudências. Então, o país pode reverter essa crise se tomar medidas de política econômica adequadas, como, por exemplo, socorrer os exportadores, ampliando a oferta de crédito em dólares para eles, e permitir às pequenas e médias empresas que continuem rolando as suas dívidas ou financiando seu capital de giro e seu investimento. O Brasil tem condições de fazer isso. Vamos ver como as autoridades irão reagir.

IHU On-Line - Como o senhor acha que o Brasil deve conduzir a economia, nesse momento de crise global? O que faria parte de um ajustamento à situação, considerando a desaceleração no crescimento?

Luiz Gonzaga Belluzzo - Já há sinais de que o crescimento está desacelerando. E ele vai desacelerar mesmo, o que tem várias implicações, como a expectativa dos empresários a respeito dos investimentos e implicações para a situação fiscal. Mas, ao mesmo tempo, isso oferece uma oportunidade para o Brasil adotar uma política cíclica de defesa contra a crise. Não será possível reproduzir a si-

tuação anterior, mas o Brasil pode perfeitamente se defender. Será uma luta entre as decisões de política econômica e a evolução da situação. O Brasil terá um enfrentamento permanente. Vai depender mais da sensibilidade dos formuladores de política econômica do que da sua sabedoria técnica.

IHU On-Line - Como os autores clássicos da economia podem nos ajudar a refletir e encontrar possíveis soluções para este momento de crise? Qual a importância de retomar Keynes, por exemplo?

Luiz Gonzaga Belluzzo - Acho importante ler os autores que trataram da economia monetária de crédito. Keynes, certamente um dos maiores entre os clássicos, olhou a economia capitalista como uma economia de ativos, com sistema bancário. Ele era, antes de mais nada, um teórico da economia monetária com sistema bancário empenhado na criação de moeda e de crédito. Ele é o grande pensador do sistema bancário no capitalismo moderno. Keynes era muito favorável à intervenção do Estado na economia. Ele dizia que a idéia de que o interesse individual leva necessariamente ao interesse coletivo é equivocada e que é preciso que o estado racional interfira na economia.

IHU On-Line - O que esse episódio tem a dizer sobre a relação entre democracia e capitalismo?

Luiz Gonzaga Belluzzo - Ouvi muita discussão a esse respeito, inclusive alguém invocando a importância da decisão inicial do congresso americano como gesto de independência da política. Isso é uma interpretação equivocada. A política foi totalmente aprisionada pelo econômico. O que essa decisão mostra é isso: essa incapacidade da política de se livrar das amarras econômicas. Então, as relações entre democracia e capitalismo são contraditórias. A economia capitalista cria um sistema de necessidades, que é imposto aos indivíduos. Além da sua livre escolha (dos seus representantes, que é uma atitude política), ela impõe certos constrangimentos que são semelhantes ao fato de tomar uma decisão com um revólver na cabeça. Na verdade, não há mesmo alternativa quando uma crise financeira sistêmica se desenvolve. Se não

se decidir pela intervenção decisiva dos mercados, a crise pode avançar a um ponto que destrói completamente a capacidade de decisão dos indivíduos. A menos que a intervenção seja de tal ordem potente e abrangente, como, por exemplo, a estatização do sistema bancário.

IHU On-Line - China e Índia ganham mais importância na economia mundial?

Luiz Gonzaga Belluzzo - Isso é uma ilusão. Nem a China nem a Índia têm condições. Essa idéia de que vão contrabalançar a queda do crescimento americano é um pouco complicada, até porque não têm peso suficiente na economia mundial para fazer isso. É claro que a China pode evitar que os efeitos da crise atinjam completamente a sua economia. Ela pode se defender, continuar crescendo, mas não é isso que vai impedir uma recessão global. Ela pode até montar um esquema de defesa dentro das economias asiáticas, que estão desacelerando rapidamente.

IHU On-Line - O senhor concorda com o uso do FGTS para a compra de ações da Petrobras?

Luiz Gonzaga Belluzzo - Agora não é hora para isso, não. É preciso tomar um certo cuidado. Não vejo nenhum impedimento grave, mas isso já foi feito, os trabalhadores compraram ações com os recursos do FGTS. Insisto: agora não é o momento de se pensar nisso, porque a bolsa está muito instável. Acho que ela irá sofrer um processo de desvalorização. Não é hora de se discutir esse assunto.

LEIA MAIS...

Confira outras entrevistas concedidas por Luiz Gonzaga Belluzzo. Acesse nossa página eletrônica www.unisinos.br/ihu

Entrevistas:

* “Nós fomos ultrapassados pelos outros, o que não quer dizer que isso seja um fenômeno insuperável”. Revista IHU On-Line nº 218, de 07-05-2007.

* “Nós não temos uma definição exata nem da profundidade nem da extensão da crise”. Notícias do Dia, de 02-03-2008.

A crise atual não pode ser atribuída ao capitalismo e às idéias econômicas liberais

A idéia de que a crise financeira atual é produto da aplicação de princípios liberais é completamente errada, defende o professor Roberto Camps Moraes

POR GRAZIELA WOLFART

Na opinião do professor Roberto Camps Moraes, da Unisinos, a crise atual não pode ser atribuída ao capitalismo e às idéias econômicas liberais. “Esta idéia é completamente falsa”, afirma ele. Em sua argumentação, ele explica que “a teoria moderna da política monetária, aquela em que se baseiam os grandes bancos centrais do mundo, e que nada tem a ver com as falhas regulatórias que foram responsáveis pela crise atual, deve uma grande parte a alguns princípios básicos que foram defendidos por Milton Friedman nas décadas de 1950 a 1970 do século passado”. Roberto Camps Moraes possui graduação em Ciências Econômicas e em Ciências Sociais, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. É mestre em Economia pela mesma instituição, e doutor em Economia, pela Vanderbilt University, dos Estados Unidos. É autor dos *Cadernos IHU Idéias* números 101 e 104, intitulados *As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária* (partes 1 e 2).

IHU On-Line - Em que sentido a crise financeira mundial nos convida a re-visitamos os autores clássicos da economia? Que autor melhor contribui para a compreensão do momento econômico atual, a partir da crise nos EUA?

Roberto Camps Moraes - Na minha área — a Macroeconomia e a Teoria Monetária —, a crise nos leva a quase todos os clássicos, tais como David Hume,¹ Adam Smith,² Ricar-

¹ **David Hume** (1711-1776): filósofo e historiador escocês, que, com Adam Smith e Thomas Reid, é uma das figuras mais importantes do chamado Iluminismo escocês. É visto, por vezes, como o terceiro e o mais radical dos chamados empiristas britânicos. A filosofia de Hume é famosa pelo seu profundo ceticismo. Entre suas obras, merece destaque o *Tratado da natureza humana*. (Nota da IHU On-Line)

² **Adam Smith** (1723-1790): considerado o fundador da ciência econômica. A *riqueza das nações*, sua obra principal, de 1776, lançou as bases para um novo entendimento do mecanismo econômico da sociedade, quebrando paradigmas com a proposição de um sistema liberal, ao invés do mercantilismo até então vigente. Outra faceta de destaque no pensamento de Smith é sua percepção das sofríveis condições de trabalho e alienação às quais os trabalhadores encontravam-se submetidos com o advento da Revolução Industrial. O Instituto Humanitas Unisinos promoveu em 2005 o I Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia. No segundo encontro deste evento, a professora Ana Maria Bianchi, da USP, proferiu a conferência “A atualidade do pensamento de Adam Smith”. Sobre o tema, concedeu uma entrevista à IHU On-Line número 133, de 21-03-2005. Ainda sobre Smith, confira a edição 35 do *Cadernos IHU Idéias*, de 21-07-2005, intitulada *Adam Smith: filósofo e economista*, escrita por Ana Maria Bianchi e Antônio Tiago Loureiro Araújo dos Santos, disponível para *download* no sítio do IHU. (Nota da IHU On-Line)

do,³ William Bagehot, J. S. Mill,⁴ Karl Marx, Knut Wicksell,⁵ Alfred Marshall,⁶ A. Pigou⁷ e Irving Fisher.⁸ Mas, sem dúvida, aqueles autores do século XX que estão mais próximos e que nos são mais familiares pelas suas obras posteriores à Grande Depressão — a mãe de todas as crises e geradora da teoria keynesiana — e que a interpretaram são John Maynard Keynes e Milton Friedman. Tanto na *Teoria geral* (1936) de Key-

3 David Ricardo (1772 - 1823): economista inglês, considerado um dos principais representantes da economia política clássica. Exerceu uma grande influência tanto sobre os economistas neoclássicos como sobre os economistas marxistas, o que revela sua importância para o desenvolvimento da ciência econômica. Os temas presentes em suas obras incluem a teoria do valor-trabalho, a teoria da distribuição (as relações entre o lucro e os salários), o comércio internacional, temas monetários. A sua teoria das vantagens comparativas constitui a base essencial da teoria do comércio internacional. Demonstrou que duas nações podem beneficiar-se do comércio livre, mesmo que uma nação seja menos eficiente na produção de todos os tipos de bens do que o seu parceiro comercial. Ao apresentar esta teoria, usou o comércio entre Portugal e Inglaterra como exemplo demonstrativo. (Nota da IHU On-Line)

4 John Stuart Mill (1806-1873): filósofo e economista inglês. Um dos pensadores liberais mais influentes do século XIX, foi defensor do utilitarismo. (Nota da IHU On-Line)

5 Johan Gustaf Knut Wicksell (1851-1926): economista sueco. Usou o conceito “natural” a fim de explicar o equilíbrio de longo prazo da taxa de juros. Em seu trabalho *Interest and Prices*, Wicksell escreveu sua versão da Teoria Quantitativa da Moeda, com uma visão particular a respeito dos efeitos indiretos da oferta da moeda nos preços. (Nota da IHU On-Line)

6 Alfred Marshall (1842-1924): considerado um dos economistas mais influentes de sua época. Sua principal obra, *Principles of Political Economy*, de 1890, trouxe as teorias da oferta e da demanda, da utilidade marginal e dos custos de produção. O Instituto Humanitas Unisinos, através do evento I Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia, em 2005, promoveu a palestra “A era industrial e a contribuição de Marshall”, dia 5 de outubro, na Livraria Cultura, em Porto Alegre, ministrada pela Profa. Dra. Maria Aparecida Grandene de Souza, da UFRGS, e no dia 20 de outubro, na Unisinos, pela Profa. Dra. Ana Lucia Gonçalves da Silva - UNICAMP/SP. (Nota da IHU On-Line)

7 Arthur Cecil Pigou (1877-1959): economista inglês. Aluno e sucessor de Alfred Marshall na cátedra de Economia Política da Universidade de Cambridge (1908-1943), desafiou doutrinas econômicas vigentes e a tradição neoclássica em relação à substituição da ação industrial privada pelo estado. Desenvolveu o conceito da taxa de Pigou, uma medida do estado para influenciar o comportamento de agentes econômicos no mercado, com o objetivo de corrigir externalidades negativas. Além do mais, formulou o efeito de Pigou, que explica o aumento da demanda para bens de consumo num período de deflação. (Nota da IHU On-Line)

8 Irving Fisher (1867-1947): economista americano. (Nota da IHU On-Line)

nes como na *História monetária dos EUA*, de Friedman e Schwartz, especialmente no capítulo 7 (“The great contraction”), encontraremos uma discussão que se aplica em parte à análise da atual crise. Mas atual mesmo, e com uma análise com a qual eu concordo em quase 100%, é Nouriel Roubini,⁹ professor da NYU, que tem um site muito interessante e informativo na rede (RGE Monitor). Barry Eichengreen¹⁰ (autor do excelente *Globalização do capital* e professor de Berkeley) também tem uma produção que ajuda muito a entender esta crise. Acabo de ver na internet que hoje (02/10) ele publicou uma explicação da crise fundada na falha regulatória, que, sem dúvida foi, a meu ver, um dos fatores básicos.

IHU On-Line - Como essa crise elucidada o contraponto entre Friedman e Keynes? Como Milton Friedman enfrentaria o momento atual? O senhor concorda que as suas teses se desfazem feito um castelo de areia?

Roberto Camps Moraes - Muito pelo contrário. Milton Friedman — assim como os autores que se alinham na história do pensamento econômico em torno de uma tradição que poderia ser chamada de monetarista, começando com Ricardo — sempre defenderam a idéia-chave de que devem existir regras sobre a expansão da moeda e do crédito. Ricardo defendeu o padrão-ouro, que foi uma grande regra de contenção da moeda e do crédito pela camisa de força da moeda lastreada. Friedman defendeu, para o sistema de moeda fiduciária do século XX, uma regra monetária simples de contenção: a regra do X %. Mas, se você ler *O papel da política monetária* (1968), encontrará passagens que antecipam o sistema de metas de inflação, por exemplo, que nada tem a ver com a causação da atual crise. A idéia de que esta crise é produto da aplicação de princípios liberais é completamente errada. Dá para entender a sua origem

9 Nouriel Roubini (1958): economista turco. É presidente da Roubini Global Economics, escritório de economia e análise financeira. Também é professor de economia na Universidade de Nova York. (Nota da IHU On-Line)

10 Barry Eichengreen (1952): economista americano. É professor de economia e ciências políticas na Universidade da Califórnia. Sua mais recente obra é *The european economy since 1945: co-ordinated capitalism and beyond* (Princeton University, 2007). (Nota da IHU On-Line)

nos seguintes fatos: (a) os executivos dos bancos de investimento que atuavam fora da supervisão do Fed, e que formavam um sistema bancário paralelo e clandestino que foi responsável pelo alavancamento e riscos excessivos do crédito, costumavam defender a sua liberdade de ação predatória, usando argumentos ditos liberais de auto-regulação; e (b) Hayek defendeu em uma obra — e alguns anarco-capitalistas defendem — a idéia de *free banking*, que poderia ser traduzida como a “privatização” da moeda pela abolição do monopólio do Banco Central.

Predadores do crédito e da moeda

Estes dois fatos não transformam o Goldman Sachs¹¹ em agente de idéias liberais; pelo contrário, estes indivíduos que usaram argumentos liberais e que vão pedir socorro para o governo socializar as maciças perdas impostas à sociedade pela sua conduta não controlada são animais que jamais existiriam em um ambiente regulatório que preserva os direitos de propriedade e a portabilidade intertemporal da riqueza, que é uma das funções mais importantes do sistema financeiro. Ao permitirem a assunção de riscos excessivos, estes predadores terminam destruindo riqueza e bens públicos como o crédito e a moeda. Hayek defendeu a “privatização” da moeda, mas Friedman não. Isto não transforma Friedman em não-liberal. Friedman entendia perfeitamente que a moeda e o crédito são bens públicos que necessitam de supervisão e regras de contenção e que se estas não existirem estes bens rapidamente serão destruídos. A existência de bancos centrais e da regulação prudencial dos bancos, assim como o seguro dos depósitos bancários, são práticas que emergiram da evolução dos mercados; quando alguns injetam ideologia na discussão destas questões, estão querendo ser “vivos”, ao atrair apoios

11 Goldman Sachs: um dos maiores bancos de investimento do mundo. Fundado em 1869 por Marcus Goldman, a companhia está sediada atualmente em Nova York e mantém escritórios em muitos outros principais centros financeiros através do mundo. Goldman Sachs oferece consultivos de fusões e aquisições, serviços de subscrição financeiro, e outros produtos financeiros aos seus clientes. É também um revendedor primário no mercado de valores mobiliários do tesouro americano. (Nota da IHU On-Line)

automáticos baseados na ignorância dos aspectos técnicos.

IHU On-Line - Como os valores da escola de economia pregada na Universidade de Chicago, por Friedman, se relacionavam com liberdade e democracia? Qual a atualidade desses conceitos no cenário atual?

Roberto Camps Moraes - A escola de Chicago abriga muitos programas de pesquisa em várias áreas. Cada um dos onze economistas que receberam o Nobel de economia e que trabalham ou trabalharam lá é responsável pela criação de um programa de pesquisa. O pessoal de Chicago gosta de pensar que um princípio básico que os une é a liberdade. E aqui eu gostaria de fazer uma distinção que poucos fazem: a liberdade é uma idéia que não se confunde com a democracia, que é outra idéia. Você pode ter liberdade sem democracia e democracia sem liberdade. Na prática, no entanto, e na nossa época, não se pode conceber uma democracia sem liberdade. O que isto tem a ver com a Escola de Chicago? Creio que nada.

IHU On-Line - Como fica, nesse momento, a legitimidade do capitalismo e das idéias econômicas liberais? Podemos prever uma transformação?

Roberto Camps Moraes - Se eu bem entendi a pergunta, ela parte da idéia de que a crise atual pode ser atribuída ao capitalismo e às idéias econômicas liberais. Como já dito anteriormente, esta idéia é completamente falsa. Mas, certamente, assim como ocorreu depois da Grande Depressão, os coletivistas se aproveitarão, agora, do discurso oportunista dos banqueiros de investimento e da idéia, a meu ver louca, de Hayek, para fazerem esta ligação.

IHU On-Line - Qual a importância da teoria monetária de Friedman para a concepção da economia vigente atualmente? Quais as principais revoluções provocadas por ela?

Roberto Camps Moraes - A regra particular sugerida por ele em 1968 — segundo a qual uma meta de expansão monetária de X%, sendo X uma constante, seria o melhor mecanismo de estabilização da economia — foi enterrada em 1982, por

“A liberdade é uma idéia que não se confunde com a democracia”

ocasião do fim do que ficou conhecido na história da política monetária americana como o “grande experimento monetarista”. Mas, em um sentido mais amplo, a teoria moderna da política monetária, aquela em que se baseiam os grandes bancos centrais do mundo, e que nada tem a ver com as falhas regulatórias que foram responsáveis pela crise atual, deve uma grande parte a alguns princípios básicos que foram defendidos por Milton Friedman nas décadas de 1950 a 1970 do século passado. Entre estes princípios, no campo monetário, estão (1) a superioridade de regras quando comparadas à discricionariedade pura; (2) a prudência nas doses, devido ao desconhecimento dos *leads e lags* de seus efeitos; e (3) o estabelecimento de um método para o cálculo do imposto inflacionário. No campo fiscal, a demonstração de que os sucessivos déficits fiscais conduzem a uma redução da taxa de crescimento da economia no longo prazo e que, portanto, uma restrição orçamentária do governo teria de entrar no modelo macroeconômico. Isto tudo foi defendido em meio a um período em que a hegemonia da ortodoxia keynesiana dispensava preocupações com o longo prazo, baseada no acaciano (porém perigoso) dito “no longo prazo estaremos todos mortos”.

IHU On-Line - Que paralelos podemos traçar entre a crise de 29 e a crise atual?

Roberto Camps Moraes - Muitos. Esperemos que esta não seja tão devastadora como aquela. Mas tudo indica que ela provocará uma recessão americana bem mais funda e bem mais longa do que as últimas (2001 e 1991). Em 1929, como Milton Friedman mostrou em seu livro, a crise financeira — corridas aos bancos e queda da bolsa — pegou as autoridades monetárias em meio a uma instabilidade organizacional, sem definição de um novo organograma, e

em meio a uma transição geracional e de poder do pessoal dirigente. Também não havia uma liderança do tipo de Benjamin Strong,¹² que havia presidido por anos o Fed de Nova Iorque e conhecia muito bem o funcionamento dos mercados, incluindo os europeus. A sua morte deixou as autoridades monetárias americanas em um estado de divisão e discussão permanente, o que conduziu a uma total inércia de política. O agregado monetário M1 caiu, em termos reais, em torno de 33%, junto à falência de milhares de bancos. Naquela época, não havia o seguro de depósito que hoje existe; então os depositantes perdiam tudo. As autoridades monetárias, ao permitirem passivamente a contração geral da moeda e do crédito, deixaram que a cadeia de pagamentos no lado real da economia fosse interrompida, contaminando as empresas não-financeiras e levando-as à falência. O auge da crise econômica ocorreu em 1933, quando 25% da força de trabalho estava desempregada. E naquela época não havia seguro-desemprego. O nível de atividade da economia americana só recuperou o nível de 1929 dez anos depois.

Se bem que as trapalhadas regulatórias e institucionais atuais lembram muito as narradas por Milton Friedman — inclusive os argumentos nas discussões —, hoje há uma compreensão generalizada dos envolvidos nas decisões sobre a necessidade de dar uma solução à crise de confiança e restaurar a circulação sanguínea à economia. Como consequência da queda geral na renda e no emprego, houve várias rodadas de desvalorizações das moedas, buscando empurrar o desemprego para os seus vizinhos e/ou parceiros comerciais. Além disso, foram estabelecidas tarifas de importação na casa dos três dígitos. Tudo isso contraiu os fluxos de comércio internacional, magnificando ainda mais as quedas no emprego e na renda. Embora a crise atual não deva chegar perto da catástrofe que foi a anterior, se já se faziam difíceis passos adicionais na direção da integração econômica internacional — como um acordo na Rodada de Doha —, provavelmente o cenário ficará mais pesado ainda.

¹² Benjamin Strong Jr. (1872-1928): economista americano. (Nota da IHU On-Line)

“O dinheiro não se administra a si mesmo”. Lições da política econômica keynesiana

Se o Estado pode investir bilhões de dólares para salvar grandes instituições “que assumiram riscos insensatos, por que não pode intervir para salvar milhões de americanos do risco eminente de perder suas moradias pela execução de hipotecas?”, questiona o economista Luiz Antônio de Oliveira Lima

POR GRAZIELA WOLFART E PATRICIA FACHIN

Ressuscitar os ensinamentos keynesianos é, neste momento, a melhor alternativa para tentar conter a avalanche que se estende sob a economia mundial. Segundo o professor da Fundação Getúlio Vargas (FGV) Luiz Antônio de Oliveira Lima, retomar o modelo econômico proposto por John Maynard Keynes, um dos mais influentes economistas do século XX, é uma “forma de se neutralizar o efeito da crise financeira sobre a economia real”. Segundo ele, Keynes já antecipou que “mercados financeiros não regulados seriam dominados por forças especulativas que poderiam, eventualmente, transformar a economia capitalista num verdadeiro cassino”. Para reverter esse quadro, embasado nas teorias do articulista do *Financial Times*, Martin Wolf, Lima sugere três procedimentos: “a queda e a estabilização dos preços inflacionados para valores sustentáveis; a desalavancagem do setor privado americano que é extremamente alta para os níveis atuais; e o reconhecimento dos prejuízos resultantes para o setor financeiro”.

Lima cursou Direito na Universidade de São Paulo (USP), mestrado em Economia, pela Michigan State University Máster of Arts in Economics, e doutorado em Ciências Econômicas, pela Universidade Estadual de Campinas, onde desenvolveu a tese *O conceito de economia monetária – A visão de Keynes. Autor de Estudo sobre a economia do capitalismo – Uma visão keynesiana* (São Paulo: Editora Bernal, 1991). O economista participou do projeto de pesquisa “Um modelo Estatístico de Simulação para a economia brasileira – uma visão pós-keynesiana”. Confira mais detalhes na entrevista a seguir, concedida por telefone à IHU On-Line.

IHU On-Line - Qual a contribuição de Keynes para o debate econômico atual, especialmente, sobre a crise financeira internacional? Pode-se aceitar que houve uma retomada do pensamento de Keynes?

Luiz Antônio de Oliveira Lima - Comentaristas das principais revistas e jornais econômicos têm procurado retomar a análise keynesiana da economia capitalista como a forma mais adequada de se entender a atual crise da economia americana. Pode-se dizer que há claramente uma retomada das

sugestões da política econômica propostas por Keynes. Assim, verificamos que muitos economistas conservadores têm sugerido a utilização de uma série de instrumentos de natureza fiscal (redução da tributação, transferência de recursos para as famílias, elevação dos gastos públicos) como uma forma de se neutralizar o efeito da crise financeira sobre a economia real.

Assim, para Martin Feldstein, atual presidente do National Bureau of Economic Research (NBER), ligado à Casa Branca, além de um corte de juros, serão

necessários estímulos fiscais. Para Dominique Strauss-Kahn,¹ atual presidente do FMI, simples políticas monetárias serão insuficientes em uma situação em que bancos com grandes perdas de capital precisam consolidar seus balanços, reduzindo as possibilidades de financiamento para a produção. Daí a necessidade de instrumentos fiscais para se elevar a demanda agregada. O mesmo é sugerido por Lawrence Summers,² ex-reitor e atu-

1 Dominique Strauss-Kahn: político francês, atual presidente do Fundo Monetário Internacional (FMI). (Nota da IHU On-Line)

2 Lawrence H. Summers (1954): economista norte-americano. (Nota da IHU On-Line)

“Sem dúvida, algum ensinamento deve recorrer desse processo, e vai se levar a sério, pelo menos por algum tempo, as lições de Keynes. Porém, infelizmente, como aconteceu depois da depressão dos anos 1930, se as coisas voltarem ao normal, não faltarão economistas que voltem a pregar as delícias dos mercados livres não regulamentados”

al professor da Universidade de Harvard. Desse modo, se interpretarmos Keynes como um simples fiscalista, não há dúvidas que em termos de utilização de instrumentos de políticas econômicas, há uma retomada de seu pensamento.

Entretanto, a contribuição keynesiana mais importante não foi a de mostrar a importância da política fiscal anticíclica, mas sim a de apontar que mercados financeiros não regulados seriam dominados por forças especulativas que poderiam, eventualmente, transformar a economia capitalista em um verdadeiro cassino. Se considerarmos as transformações no sistema financeiro americano nas últimas três décadas, veremos que o “problema de Keynes” tornou-se cada vez mais virulento conforme a desregulamentação avançou, trazendo com ela uma série de inovações financeiras. Isso aconteceu a partir do fim dos anos 1970, com a introdução de novos depósitos e novas aplicações sensíveis a taxa de juros, que permitiram manter a rentabilidade de instituições de poupança e empréstimos, que, por sua vez, perderam aplicações em função do aumento da rentabilidade de aplicações em títulos públicos. Tais instituições encontravam-se em estado quase falimentar. Essas alterações introduziram novos desafios especulativos na economia ao permitir o surgimento de títulos mobiliários apoiados no financiamento hipotecário, bem como o aparecimento de hipotecas ajustáveis sem a necessidade de reser-

va para seus emissores, uma vez que os depósitos continuavam garantidos pelo governo federal.

Ora, se considerarmos esse aspecto da obra de Keynes, isto é, a tendência para a crise numa economia na qual se permite o surgimento contínuo desses ativos, não houve uma retomada do pensamento de Keynes, pois ele nunca deixou de existir através da obra de seus discípulos John Kenneth Galbraith,³ Hyman Minsky, Charles Kindleberger⁴ e Paul Davidson.⁵

IHU On-Line - Em que sentido a visão de Keynes no capitalismo como uma economia fundamentalmente monetária e não simplesmente monetizada foi importante para a compreensão das crises capitalistas?

Luiz Antônio de Oliveira Lima - Para explicar os fundamentos de sua visão econômica, Keynes elaborou o que chamou de uma teoria monetária da

³ John Kenneth Galbraith (1908): economista norte-americano. Em seus livros *A sociedade da opulência* (1958), *O novo estado industrial* (1967), *A ciência econômica e o interesse geral* (1974), faz um requisitório contra a sociedade de consumo. (Nota da IHU On-Line)

⁴ Charles P. Kindleberger (1910-2003): historiador econômico americano. O seu livro de 1978, *Manias, Panics, and Crashes*, sobre bolhas especulativas em mercados de ações, foi republicado em 2000 após a bolha da internet. Ficou famoso com a Teoria da estabilidade hegemônica. Ficou também conhecido por ter dado seguimento a uma teoria administrativa, a Teoria da Contingência. (Nota da IHU On-Line)

⁵ Paul Davidson (1930): macroeconomista norte-americano. (Nota da IHU On-Line)

produção. Para ele, o capitalismo é por excelência uma economia monetária e não uma simples economia monetizada, na qual a moeda é um simples meio de troca; como supõe toda a teoria neoclássica. Daí a preocupação de Keynes com a existência de uma demanda efetiva, isto é, de uma procura monetária pelo total da produção, capaz de fazer retornar aos capitalistas uma quantia de dinheiro em condições de cobrir seus custos e fornecer-lhes o lucro desejado. Daí também a discordância de Keynes com a teoria econômica convencional que, ao eliminar a partir de seus pressupostos a função do dinheiro enquanto reserva de valor, eliminava a possibilidade de se entender as crises capitalistas e de se sugerir medidas adequadas para superá-las. O problema da formação da demanda efetiva está presente como peça fundamental na concepção de uma economia monetária.

Ora, a decisão do empresário de investir, isto é, de despender os recursos correspondentes ao custo do capital empregado, envolve uma grande dose de incertezas, pois o caráter dessa decisão é o de produzir resultados em uma data futura que, em geral, é distante no tempo. Ora, Keynes chama a atenção para o fato de que o cálculo das receitas futuras está sujeito a um grande grau de incertezas, as quais não podem ser eliminadas pela aplicação de métodos estatísticos de previsão, ou seja, não há um cálculo de risco para o que vai acontecer no futuro.

Assim, em condição de grande incerteza, o cálculo da rentabilidade econômica fica muito difícil, de tal forma que os empresários e os principais agentes financeiros podem se recusar a fazer novos investimentos ou empréstimos, como está acontecendo nos EUA, preferindo manter seus recursos monetários sob forma líquida, como reserva de valor. Esta possibilidade permite que se desviem recursos do ciclo produtivo ao preferir a liquidez, levando com isso a uma redução da demanda monetária pela produção e, em consequência, a crise econômica. Este fato, a preferência pela liquidez, pode ser uma hipóte-

se adequada para explicar por que, apesar de a economia americana estar abalada, a sua moeda não está. A aplicação financeira ainda mais segura é a compra de títulos públicos nos EUA, apesar de sua baixa rentabilidade. Isso explica por que pode haver uma grande demanda de dólares mantendo ou elevando seu valor. Na hora do pânico, isto serve como refúgio, porque ninguém sabe ao certo o que vai acontecer com a economia americana e global.

IHU On-Line - Qual a contribuição de Keynes para o debate macroeconômico atual, especialmente em relação as expectativas de uma grande recessão ou depressão?

Luiz Antônio de Oliveira Lima - Seria difícil dizer de maneira precisa o que Keynes estaria pensando sobre a crise atual, com exceção do fato de que mercados financeiros não regulados têm a tendência natural de se encaminharem para uma especulação intensa. De outro lado, pode-se utilizar o pensamento de seus discípulos que procuraram estender sua teoria para entender as condições de um sistema financeiro altamente complexo, tal como o fez Hyman Minsky. Assim, em artigo publicado recentemente, o excelente articulista do *Financial Times* Martin Wolf⁶ observou que, caso se queira saber o que deu errado, pode se recorrer “à obra-prima de Minsky”. Segundo Minsky, um longo período de crescimento rápido, baixa inflação, baixas taxas de juros e estabilidade macroeconômica geraram complacência e aumentaram a disposição de se assumir riscos. A estabilidade leva a instabilidade. A securitização inovadora, o financiamento fora dos balanços se constituíram em uma grande parte da história. A fé indevida em mercados não regulamentados se revelou uma armadilha.

IHU On-Line - Pode-se dizer que o pior já passou? Quais as condições para que isso aconteça e que lições se podem tirar dela?

Luiz Antônio de Oliveira Lima - Martin Wolff apresenta três procedimen-

⁶ Martin Wolf (1946): jornalista britânico, editor chefe e comentarista econômico do *Financial Times*. (Nota da IHU On-Line)

tos para que haja uma reversão da crise: a queda e a estabilização dos preços inflacionados para valores sustentáveis; a desalavancagem do setor privado americano que é extremamente alta para os níveis atuais, cerca de 30 unidades de capital de terceiro para uma unidade de capital próprio; e o reconhecimento dos prejuízos resultantes para o setor financeiro. Atingidos tais resultados, permanecem os problemas de se evitar o colapso da demanda monetária do setor privado.

Sem dúvida, algum ensinamento deve recorrer desse processo, e, pelo menos por algum tempo, as lições de Keynes serão levadas a sério. Porém, infelizmente, como aconteceu depois da depressão dos anos 1930, se as coisas voltarem ao normal, não faltarão economistas que voltem a pregar as delícias dos mercados livres não regulamentados. Porém, uma constatação merece ser feita: os fatos atuais podem provocar movimentos sociais capazes de cobrar uma maior ação do Estado na economia; se o Estado pode gastar, intervir gastando bilhões de dólares para salvar grandes corporações que assumiram riscos insensatos, por que não pode intervir para salvar milhões de americanos do risco eminente de perder suas moradias pela execução de hipotecas? Se o governo pode intervir em tempos de crise financeira, ficará cada vez mais difícil alegar a impossibilidade de intervir em benefício de mais saúde, educação e igualdade para os grupos sociais mais pobres. Porém, nada acontecerá sem uma pressão pública muito forte sobre os políticos, ou seja, sem a volta das pessoas às ruas e ao tipo de ação direta que levou ao New Deal⁷ americano dos anos 1930. De um modo mais geral, sempre devemos ter em mente o ditado de Keynes: “O dinheiro não se administra a si mesmo e muito menos o crédito é capaz de fazê-lo”.

⁷ New Deal: traduzido em português significa “novo pacto” ou “novo acordo”. New Deal foi o nome dado à série de programas implementados nos Estados Unidos entre os anos 1933 e 1937, sob o governo do Presidente Franklin Delano Roosevelt com o objetivo de recuperar e reformar a economia norte-americana. (Nota da IHU On-Line)

CONFIRA AS NOTÍCIAS DO DIA
NO SÍTIO DO IHU
WWW.UNISINOS.BR/IHU



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

B.

Destques da Semana



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

B.

Destques da Semana

Entrevista da Semana

“O conflito é o motor da vida política”

Competição e inimizade humanas conduzem à formação do Estado, mas representam ameaça constante aos pactos políticos quando não racionalizadas, esclarece a filósofa Maria Isabel Limongi

POR MÁRCIA JUNGES

Escrito em 1651, *O Leviatã*, de Thomas Hobbes, continua atual e suscita discussões, como a que estabelecemos, por e-mail, com a filósofa Maria Isabel Limongi, na entrevista a seguir concedida à IHU On-Line. “Segundo Hobbes, a competição e a inimizade entre os homens é o que nos conduz ao Estado, e não o que o ameaça. Porém, é verdade que essa competição e inimizade, quando não racionalizadas, representam uma ameaça constante aos pactos políticos. Assim pensava também Maquiavel. O conflito é o motor da vida política”, analisou Limongi. Pai do conceito de Estado, Hobbes é conhecido, também, pelo conceito de guerra de todos contra todos, através do qual a filósofa compara a inoperância do Estado e seu pacto junto às favelas cariocas. A guerra instalada no interior do Estado seria uma espécie de doença que “consiste na constituição de poderes paralelos ao do Estado, com força o suficiente para fazer frente às suas decisões. Nesse caso, a constituição desse poder paralelo responde a uma incapacidade do Estado de governar, proteger e garantir condições de subsistência a uma boa parcela da população”.

Graduada em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP), Limongi cursou mestrado e doutorado na mesma instituição com a tese *O homem excêntrico – Paixões e virtudes em Thomas Hobbes*. Docente na Universidade Federal do Paraná (UFPR), é autora de *Entre a Ética e o Interesse* (Londrina: Lido, 1995) e *Hobbes* (Rio de Janeiro: Zahar, 2002). Organizou a obra *Filosofia britânica nos séculos XVII e XVIII* (Curitiba: Revista Dois Pontos, 2005).

IHU On-Line - Qual é a atualidade do conceito de Estado hobbesiano?

Maria Isabel Limongi - Hobbes¹ é o pai do conceito de Estado, tal como o empregamos até hoje, a saber, como um conjunto de vínculos jurídicos de direito e dever entre governantes e governados. Nesse sentido, o conceito hobbesiano de Estado é atualíssimo,

ainda que o modo como Hobbes pensou a natureza e o conteúdo desses vínculos tenha sido amplamente questionado.

IHU On-Line - O Leviatã² moderno corre perigo de dissolução? Por quê?

Maria Isabel Limongi - Quando falamos em Leviatã, é na soberania do poder do Estado que pensamos. Hobbes sempre levou em conta os perigos que

põem em risco a soberania do Estado ao teorizá-la. Sua retórica está montada de modo a convencer o seu leitor da importância da soberania para a regulação das relações entre os homens, sempre tomando-a como um desafio, como algo a ser conquistado e mantido com esforço, contra as forças que levam a sua dissolução.

Hoje esses perigos seriam maiores? Não sei. É verdade que a chamada globalização e, mais especificamente, a ingerência de interesses econômicos supra-nacionais nas decisões nacionais têm colocado em risco as soberanias nacionais. Mas não estou certa de que esse perigo seja maior do que aqueles

¹ Thomas Hobbes (1588-1679): filósofo inglês. Sua obra mais famosa, *O Leviatã* (1651), trata de teoria política. Neste livro, Hobbes nega que o homem seja um ser naturalmente social. Afirma, ao contrário, que os homens são impulsionados apenas por considerações egoístas. Também escreveu sobre física e psicologia. Hobbes estudou na Universidade de Oxford. Ele foi secretário de Sir Francis Bacon. (Nota da IHU On-Line)

² *Leviatã*: livro mais famoso do filósofo inglês Thomas Hobbes, publicado em 1651. O seu título se deve ao monstro bíblico Leviatã. O livro, cujo título por extenso é *Leviatã ou matéria, forma e poder de um Estado eclesiástico e civil*, trata da estrutura da sociedade organizada. (Nota da IHU On-Line)

teorizados por Hobbes em sua época, como, por exemplo, a ingerência da religião nos assuntos políticos. Isto é, não estou certa de que hoje o Leviatã corra mais perigo de dissolução do que corria no momento em que foi teorizado. Talvez se possa dizer que o perigo da dissolução é inerente ao conceito do Leviatã, tal como Hobbes o formulou.

Fora isso, acho que o conceito de soberania estatal ainda está vivo e ainda engaja a muitos no sentido de vencer os perigos que lhe são inerentes. Nesse sentido, o Leviatã não está em perigo e só viria a estar, realmente, quando abandonarmos o seu conceito como marco para pensarmos as relações políticas.

IHU On-Line - O homem como lobo do homem seria a maior ameaça ao Estado?

Maria Isabel Limongi - Sim e não. Segundo Hobbes, a competição e a inimizade entre os homens é o que nos conduz ao Estado e não o que o ameaça. Porém, é verdade que essa competição e inimizade, quando não racionalizadas, representam uma ameaça constante aos pactos políticos. Assim pensava também Maquiavel.³ O conflito é o motor da vida política. É ele que nos leva a criar as instituições políticas, como um meio de regulá-los. Mas é ele também, quando expresso de maneira radical e por via não institucional, que as põe em risco.

IHU On-Line - Como esse conceito (o homem como lobo do homem) pode nos ajudar a compreender o comportamento agressivo do indivíduo contemporâneo?

Maria Isabel Limongi - Acredito que o essencial na idéia do homem como lobo do homem é a idéia de que o conflito está na base das relações políticas. Não penso que Hobbes tenha querido indicar com essa expressão que o homem é essencialmente agressivo. Nem penso que o comportamento agressivo

do indivíduo contemporâneo, se é que o indivíduo contemporâneo é mesmo agressivo, ou pelo menos mais agressivo do que os indivíduos do passado, deva ser pensado a partir do postulado de uma natureza humana essencialmente agressiva. Ganharíamos pouco para compreendê-lo a partir daí, e bem mais investigando as causas especificamente contemporâneas que conduziriam a esse suposto comportamento.

O que talvez se pudesse fazer, com algum proveito, é pensar a eventual agressividade contemporânea como o resultado de uma incapacidade das instituições na mediação dos conflitos, de modo que eles terminem por se manifestar de maneira bruta e desregulada. Mas novamente aqui seria preciso pensar com vagar em que medida as instituições seriam mais incapazes hoje do que na Inglaterra de Hobbes ou na Itália de Maquiavel. Como eu disse, acredito que esses autores apontam no sentido de pensar que essas dificuldades (e, portanto, a agressividade dos indivíduos na medida em que procedesse delas) são inerentes à vida política.

IHU On-Line - Quais são os limites do Estado frente ao sujeito contemporâneo, que nega autoridades superiores em função de seu delírio de autonomia e liberdade ilimitada?

Maria Isabel Limongi - Novamente, não penso que estaríamos diante de uma dificuldade fundamentalmente contemporânea. O limite do Estado é sempre a ameaça de sua dissolução, da qual falamos acima.

IHU On-Line - O desejo infinito de poder e mais poder, que só cessa com a morte, seria uma explicação hobbesiana adequada para entendermos a política em nossos dias? Por quê?

Maria Isabel Limongi - Essa idéia ainda tem o seu vigor. Mas, como já mencionei, não devemos tomar esse desejo como um traço essencial da natureza humana. Penso que o vigor conceitual dessa idéia é tanto maior quando o entendemos como a expressão do conflito entre os homens, ali onde ele não é mediado politicamente e quando ele se expressa de uma forma bruta, sem nenhuma regulação jurídica.

IHU On-Line - O medo continua sendo um agregador do homem sob a tutela do Estado? Quais seriam os maiores medos do nosso tempo?

Maria Isabel Limongi - Acredito que sim, se entendermos o papel do medo na política na linha do que eu vim dizendo, isto é, como um modo de se referir ao caráter conflituoso das relações sociais.

IHU On-Line - Nesse aspecto, que diferenças apontaria em relação à época em que Hobbes escreveu o Leviatã?

Maria Isabel Limongi - Nenhuma.

IHU On-Line - Podemos afirmar que nas favelas cariocas, por exemplo, impera uma guerra de todos contra todos,⁴ já que o Estado ali é inoperante e não há um poder comum que mantenha todos sob o respeito de um pacto?

Maria Isabel Limongi - Sim. Mas cabe salientar que nesse caso — e isso é perfeitamente compatível com a teoria de Hobbes e com o que dissemos sobre a dissolução do Estado — a guerra se instala como uma doença no interior do Estado. A doença consiste na constituição de poderes paralelos ao do Estado, com força o suficiente para fazer frente às suas decisões. Nesse caso, a constituição desse poder paralelo responde a uma incapacidade do Estado de governar, proteger e garantir condições de subsistência a uma boa parcela da população.

IHU On-Line - A secularização da sociedade e a separação de religião e Estado seriam elementos para se compreender a crise de credibilidade nas instituições políticas?

Maria Isabel Limongi - De um ponto de vista hobbesiano, seria o contrário. Seria a falta de clareza na distinção entre o âmbito da religião e o da política que levariam ao descrédito na política, por incompreensão da sua natureza.

³ Nicolau Maquiavel (1469-1527): historiador, filósofo, dramaturgo, diplomata e cientista político italiano do Renascimento. É reconhecido como fundador da ciência política moderna por escrever sobre o Estado e o governo como realmente são, e não como deveriam ser. Separou a ética da política. Sua obra mais famosa, *O príncipe*, foi dedicada a Lourenço de Médici II. (Nota da IHU On-Line)

⁴ Guerra de todos contra todos: Conceito criado por Thomas Hobbes em *O Leviatã*, para explicar a condição originária da humanidade, que vive em conflito permanente, só controlado através da criação de um contrato social. O conceito também é mencionado como “estado de natureza”, uma espécie de estado “pré-social”. (Nota da IHU On-Line)

Livro da Semana

Augusto de Campos: em busca da “alma” e da “forma”

Nesta entrevista, o poeta Augusto de Campos fala sobre o seu novo livro de traduções, *Emily Dickinson: não sou ninguém*. Além disso, aborda seu trabalho de tradução em geral, falando, por um lado, do seu processo, e, por outro, das versões poéticas infelizes – canhestros – destinadas, às vezes, ao leitor

POR ANDRÉ DICK

Aos 77 anos de idade, Augusto de Campos continua sendo um dos principais nomes da poesia não só brasileira, mas internacional, em razão também de ter criado, ao lado de seu irmão Haroldo e de Décio Pignatari, a poesia concreta. Esta foi o mote para que escritores pouco falados no Brasil fossem descobertos, a exemplo de Joyce, Cummings, Pound e Mallarmé.

Nesta entrevista, concedida por e-mail à **IHU On-Line**, Augusto comenta sobre as traduções que fez para o livro *Emily Dickinson: não sou ninguém* (Campinas: Editora da Unicamp, 2008), recém-lançado. Trata-se de um livro que se soma, em qualidade, aos que Augusto vem lançando há anos. Tradutor de Rimbaud, Mallarmé, Dante Alighieri, de poetas russos modernos, o poeta provoca os tradutores que se lançam sem conhecimento do que considera essencial para a tradução: “O tradutor precisa se aprofundar no texto traduzido, adquirir a sua ‘persona’, criar um diálogo medular com ele, captar a sua ‘alma’. Mas sem ‘forma’, não faz nada que preste”. Ele afirma realizar uma “tradução-arte”, ou seja, “uma tradução que não se limite ao literal, mas recupere os achados artísticos do original e se transforme num belo poema em português e não num arremedo canhestro”.

A poeta norte-americana Emily Dickinson teve sua obra simplesmente ignorada em vida. Segundo Augusto, isso em dá em razão de dois motivos: “A razão básica da ocultação de sua poesia foi, naturalmente, a novidade da sua linguagem, incompreendida no seu tempo. Mas também, no caso de Emily, o preconceito do puritanismo da época em relação ao talento artístico feminino e o próprio temperamento tímido e reservado da poeta”. Para ele, a poesia de Dickinson traz “indagações sobre o Tempo, a Morte e a Eternidade, temas que a todos nós afligem como uma fundamental pergunta sem resposta”. Nesta entrevista, Augusto fala ainda do surgimento de seu interesse pela tradução, da admiração pela poesia das mulheres e ainda dos poetas vem traduzindo nos últimos anos, como Rilke e August Stramm. Confira.

IHU On-Line - Como se deu o processo para o domínio de tantas línguas, imprescindível para o trabalho de tradução que realiza? Havia interesse por conhecer novas literaturas desde cedo?

Augusto de Campos - Sim havia muito interesse. Os intelectuais do primeiro mundo – com grandes exceções, é claro, como Pound e Eliot – tendem ao monolíngüismo. Já nós, emergentes do terceiro, queríamos “antropofagar” tudo o

que havia de mais avançado, no plano internacional e tomar a frente do que se fazia. Desde cedo, Décio,¹ Haroldo² e

¹ Décio Pignatari (1927): é um poeta, ensaísta e tradutor brasileiro. Desde os anos 1950, realizava experiências com a linguagem poética, incorporando recursos visuais e a fragmentação das palavras. Tais aventuras verbais culminaram na poesia concreta, que fundou junto com Augusto e Haroldo de Campos. (Nota da **IHU On-Line**)

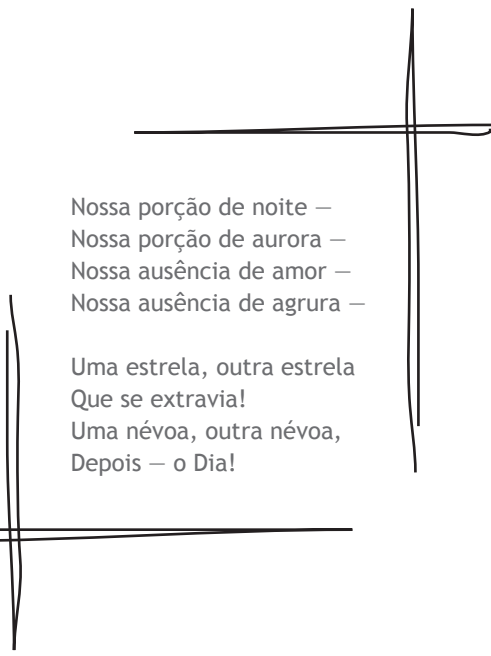
² Haroldo de Campos (1929-2003): foi um poeta, crítico literário e tradutor brasileiro. Autor de, entre outros, de *Xadrez de estrelas* (2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2008). (Nota da

DIVULGAÇÃO



eu procuramos dominar o maior número dos idiomas essenciais para estarmos na ponta das informações literárias. Fomos ajudados por morar em São Paulo, que, nos anos 50, já tinha livrarias como a Pioneira (especializada em importações de livros de língua inglesa), a Francesa e a Italiana. Muito jovem, li Kafka³ em espanhol (**IHU On-Line**)

³ Franz Kafka (1883-1924): escritor tcheco, de língua alemã. De suas obras, destacamos *A metamorfose* (1916), que narra o caso de um homem que acorda transformado num gigantesco inseto, e *O processo* (1925), cujo enredo



Nossa porção de noite –
Nossa porção de aurora –
Nossa ausência de amor –
Nossa ausência de agrura –

Uma estrela, outra estrela
Que se extravia!
Uma névoa, outra névoa,
Depois – o Dia!

nhol e francês, quando ainda não estava traduzido para o português, Maiakóvski⁴ (antes de estudar russo) em espanhol, Ungaretti⁵ em seu próprio idioma. No curso secundário, estudávamos latim, inglês, francês. O espanhol fazia parte, mais adiante, do currículo escolar.

IHU On-Line - Poderia explicar por que o senhor classifica sua tradução como “tradução-arte”? É possível ser fiel aos experimentos do poema original sem “trair” seu conteúdo?

Augusto de Campos - Entendo por “tradução-arte” o mesmo que Haroldo chamou de “transcrição”. Uma tradução que não se limite ao literal, mas recupere os achados artísticos do original e se transforme num belo poema em português e não num arremedo canhestro. É possível, sim, ser fiel aos experimentos do poema original sem “trair” seu conteúdo mas isso exige duas condições

conta a história de um certo Josef K., julgado e condenado por um crime que ele mesmo ignora. (Nota da IHU On-Line)

4 Vladimir Maiakóvski (1893-1930): foi um poeta russo. Com Boris Schnaidermann e Haroldo de Campos, Augusto o traduziu em *Maiakóvski – Poemas* (2. ed. ampliada. São Paulo: Perspectiva, 1982) (Nota da IHU On-Line)

5 Giuseppe Ungaretti (1888-1970): foi um poeta italiano. Ungaretti nasceu no Egito filho de pais italianos. Foi professor da Universidade de São Paulo. Alguns de seus poemas foram traduzidos por Haroldo de Campos e Aurora Fornoni Bernardini em *Daquele estrela à outra* (São Paulo: Ateliê Editorial, 2004). (Nota da IHU On-Line)

básicas: a técnica artística (que é, segundo Pound, o teste da sinceridade, pois como ele acentua, se uma obra não merece boa técnica é porque lhe falta merecimento) e a identificação emocional com o texto de origem. Fácil não é. A maioria das traduções atuais do passado entre nós falha, desde logo, porque os tradutores carecem de conhecimentos de métrica. A regra é o pé-quebrado. Mas também não basta marchar com pé-de-chumbo metrificado, e colocar um rima qualquer na ponta, invertendo e malversando a sintaxe. É preciso muita sensibilidade para recobrar a paixão concentrada do poema, aquela “espécie de matemática inspirada” para as nossas emoções, de que fala Pound. O conteúdo não deve ser pensado à letra, em unidades semânticas, mas como um conjunto formal-semântico-emocional, cujo espírito deve ser captado. Algumas pequenas “traições” são inevitáveis em prol da reconstrução tradutória, o que não quer dizer que se devam desprezar os significados. Corta-se aqui, recupera-se adiante.

IHU On-Line - O senhor tem alguns livros-chave de tradução, a exemplo de *Verso reverso controverso* (São Paulo: Perspectiva, 1978), *O anti-crítico* (São Paulo: Companhia das Letras, 1986), *Linguaviagem* (São Paulo: Companhia das Letras, 1987) e *Invenção* (São Paulo: Arx, 2003). Há uma tendência, em quase todos eles, em selecionar poemas e poetas à margem de um cânone mais oficial: poetas que, de modo quase geral, procuraram o anonimato, como o senhor fala de Dickinson em *O anticrítico*, por exemplo. O que Dickinson mais apresenta em sua poesia que costuma ser esquecido pela corrente poética?

Augusto de Campos - De fato, a seleção de poetas à margem do cânone fez parte de um definido projeto comum do trio-núcleo da poesia concreta. Desde cedo, nos propusemos “rever” o passado literário, desconstruir muitos dos preconceitos críticos que marginalizaram poetas inovadores. De início, nos preocupamos em traduzir os poetas fundamentais para instituir novas formas de organização poética, praticamente ignorados entre nós

em seus poemas radicais, tidos como intraduzíveis. Mallarmé-Pound-Joyce-Cummings,⁶ Gertrude Stein,⁷ Kurt Schwitters,⁸ Arno Holz,⁹ Hopkins¹⁰ e outros. Foi uma coisa programática. Restabelecido o “equilíbrio ecológico” que minimizava a obra desses poetas e dos nossos Oswald,¹¹ Sousândrade,¹² Kilkerly,¹³ entre outros, “traduzidos”

6 Mallarmé (1842-1898), **Pound** (1885-1972), **Joyce** (1882-1941) e **Cummings** (1894-1962) é um quarteto de autores referencial para a teoria da poesia concreta. Augusto publicou traduções do poeta francês em *Mallarmé* (3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1991), livro realizado com Décio Pignatari e Haroldo de Campos, e em *Poesia da recusa* (São Paulo: Perspectiva, 2006). Com Haroldo de Campos, traduziu Joyce em *Panorama do Finnegan's wake* (3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2001), e traduziu Cummings em *Poem(a)s - E. E. Cummings* (Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1999). Augusto traduziu Pound junto com Décio Pignatari, Haroldo de Campos, Mário Faustino e José Lino Grünwald, em *Poesia* (São Paulo: Hucitec; Brasília: EdUnB, 1983). (Nota da IHU On-Line)

7 Gertrude Stein (1874-1946): foi uma escritora, poeta e feminista. Tinha um apreciável círculo de amigos, como Pablo Picasso, Matisse, Georges Braque, Derain, Juan Gris, Apollinaire, Francis Picabia, Ezra Pound e James Joyce, para citar alguns. Augusto traduziu alguns de seus poemas em *Poesia da recusa* (São Paulo: Perspectiva, 2006). (Nota da IHU On-Line)

8 Kurt Schwitters (1887-1948): foi um pintor, escultor e poeta alemão, o fundador da Casa Merz e irradiador do dadaísmo em Hannover. (Nota da IHU On-Line)

9 Arno Holz (1863-1929): foi um poeta e dramaturgo alemão. Holz started his career as a journalist and moved on to become a freelance writer. Holz iniciou sua carreira como jornalista até se tornar um escritor independente. (Nota da IHU On-Line)

10 Gerard Manley Hopkins (1844-1889): foi um poeta inglês, jesuíta. Sua exploração experimental em prosódia e seu uso de imagens o estabeleceu como um poeta inovador. Sobre ele, ver a entrevista “A sensibilidade poética de Gerard Hopkins”, concedida por Mark Ridd à IHU On-Line número 186, de 26-06-2006, intitulada *Jesuitas. Quem são?*. Augusto o traduziu em *Hopkins: a beleza difícil* (São Paulo: Perspectiva, 1997). (Nota da IHU On-Line)

11 José Oswald de Sousa Andrade (1890-1954): foi um escritor, ensaísta e dramaturgo brasileiro, promotores da Semana de Arte Moderna de 1922 em São Paulo, tornando-se um dos grandes nomes do modernismo literário brasileiro. (Nota da IHU On-Line)

12 Joaquim de Sousa Andrade, mais conhecido por **Sousândrade** (1833-1902): foi um escritor e poeta brasileiro. Publicou *Harpas selvagens* e *O Guesa*, em que utiliza recursos expressivos, como a criação de neologismos e de metáforas vertiginosas, que só foram valorizados muito depois de sua morte, sucessivamente ampliada e corrigida nos anos seguintes. Augusto e Haroldo de Campos organizaram o livro *ReVisão de Sousândrade* (São Paulo: Perspectiva, 2002). (Nota da IHU On-Line)

13 Pedro Kilkerly (1855-1917): poeta baiano, cujos poemas foram recolhidos por Augusto de Campos na coletânea *ReVisão de Kilkerly* (São Paulo: Brasiliense, 1985). (Nota da IHU On-Line)

por nós para a crítica tradicional, foi-nos possível abrir o leque e revelar a face oculta de outros poetas, clássicos ou não, cuja apreciação, canonizada e engessada, passou a ser focalizada sob outra perspectiva: caso de Maiakóvski (até então traduzido e até “colado” de traduções espanholas, com omissão dos seus poemas mais experimentais) e também de Rilke¹⁴ e Rimbaud,¹⁵ vistos como visualistas mais do que visionários. Revisitamos, com “olhos novos”, a poesia dos “inventores” de todos os tempos, poetas da antiga China e trovadores provençais, Dante,¹⁶ Cavalcanti¹⁷ e Shakespeare.¹⁸

Parâmetros não-canônicos

O anonimato nem sempre foi uma condição obrigatória dos poetas. Muitos foram admirados em sua época, ainda que nem sempre pela sua melhor poesia. A marginalização ou obscuridade do poeta é um problema de dificuldade de recepção diante da informação nova e que, naturalmente, vitimiza os mais inovadores. O nosso trabalho foi

On-Line)

14 Rainer Maria Rilke (1875-1926): foi um dos mais importantes poetas de língua alemã do século XX. Augusto o traduziu em *Coisas e anjos de Rilke* (São Paulo: Perspectiva, 2001). (Nota da IHU On-Line)

15 Jean-Nicolas Arthur Rimbaud (1854-1891): foi um poeta francês, autor de *Illuminations*. Augusto o traduziu em *Rimbaud livre* (2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1993). (Nota da IHU On-Line)

16 Dante Alighieri (1265-1321): foi um escritor, poeta e político italiano, autor de *A divina comédia*, que se tornou a base da língua italiana moderna e culmina a afirmação do modo medieval de entender o mundo. Augusto o traduziu em *O anticrítico* (São Paulo: Companhia das Letras, 1986) e *Invenções - De Arnaut e Rambaudt a Dante e Cavalcanti* (São Paulo: Arx, 2003). Conferir, sobre Dante, as entrevistas “A origem da subjetividade e da lírica modernas”, nas Entrevistas do Dia de 18-10-2007, e “Dante: um poeta extremamente autobiográfico”, na revista IHU On-Line nº 264, de 30-06-2008, intitulada *A crise gaúcha. Algumas reflexões críticas*. Ambas as entrevistas foram concedidas pelo poeta e crítico literário Eduardo Sterzi. (Nota da IHU On-Line)

17 Guido Cavalcanti (1255-1300): foi um poeta italiano, amigo de Dante. (Nota da IHU On-Line)

18 William Shakespeare (1564-1616): foi um dramaturgo e poeta inglês, amplamente considerado como o maior dramaturgo da língua inglesa e um dos mais influentes no mundo ocidental. Suas obras que permaneceram ao longo dos tempos consistem em 38 peças, 154 sonetos, dois poemas de narrativa longa, e várias outras poesias. (Nota da IHU On-Line)

de desconstrução conceitual e reconstrução de sua leitura sob parâmetros não-canônicos. O caso de Emily Dickinson tem, sim, essa característica do anonimato, em comum com a de Fernando Pessoa,¹⁹ que, como ela, teve a maior parte de sua obra revelada após a sua morte. Porém, a situação de Emily foi ainda mais drástica, porque só teve publicados 10 poemas em vida, alguns sem o seu nome e sem que sequer os visse impressos. A razão básica da ocultação de sua poesia foi, naturalmente, a novidade da sua linguagem, incompreendida no seu tempo. Mas também, no caso de Emily, o preconceito do puritanismo da época em relação ao talento artístico feminino e o próprio temperamento tímido e reservado da poeta.

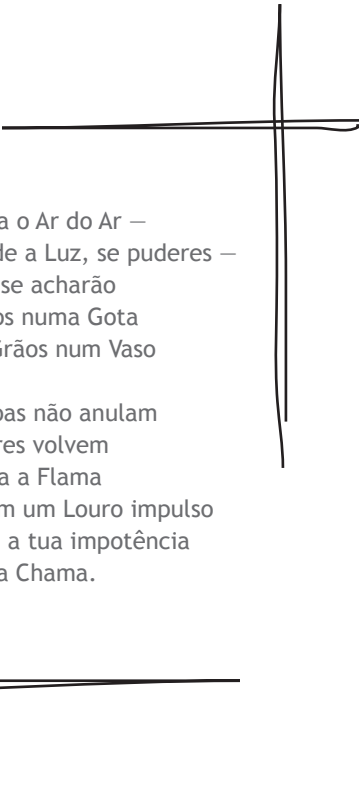
IHU On-Line - Em *Poesia da recusa*, o senhor faz uma seleção de poetas russos, ressaltando belos poemas sociais, lembrando o lema da poesia concreta: “Sem forma revolucionária não há arte revolucionária”. O senhor acha que revolução poética tem a ver, nesse caso, também com a revolução política? Em relação a isso, qual seria a diferença de Dickinson, uma figura extremamente discreta, em relação a uma Marina Tzvietáieva,²⁰ por exemplo, já que o senhor, no prefácio de *Não sou ninguém*, faz uma comparação entre as duas?

Augusto de Campos - A frase de Maiakóvski diz respeito mais propriamente à inconsistência da poesia participante de linguagem tradicional, a poesia participante populista, de palanque, como foi canonizada por Stálin²¹ e o “realismo socialista” que já

19 Fernando Antônio Nogueira Pessoa (1888-1935), mais conhecido como Fernando Pessoa: foi um poeta e escritor português. É considerado um dos maiores poetas de língua portuguesa, e o seu valor é comparado ao de Camões. (Nota da IHU On-Line)

20 Marina Tzvietáieva (1892-1941): foi poeta e inimiga da revolução stalinista. A separação da Rússia constituiu para ela uma grande tragédia e acabou por regressar ao país pouco antes do início da guerra contra o nazismo, contra o qual falou mal em diversos poemas. Acabou por se suicidar. (Nota da IHU On-Line)

21 Josef Stálin (1878-1953): ditador soviético, líder máximo da URSS de 1924 a 1953 e responsável pela condução de uma política nomeada como stalinismo. Sobre Stálin, confira, ainda, a entrevista “Stálin e Roosevelt: uma troca de cartas reveladora”, concedida pelo historiador brasileiro Ângelo Segrillo à edição 265 da IHU

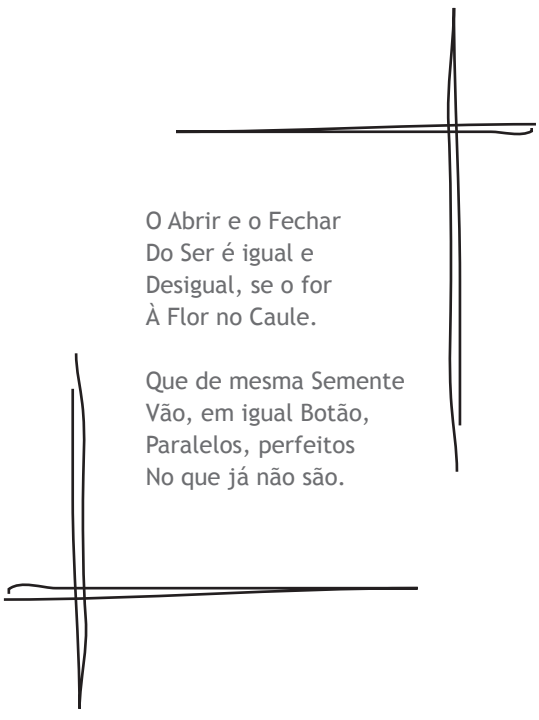


Corta o Ar do Ar –
Divide a Luz, se puderes –
Eles se acharão
Cubos numa Gota
Ou Grãos num Vaso
Vão
Névoas não anulam
Odores volem
Força a Flama
E com um Louro impulso
Ante a tua impotência
Voa a Chama.

começava a se desenhar à época do suicídio do poeta. Em *Poesia da recusa*, não pretendi abordar poemas de feição política, mas poemas nos quais, por sua natureza estética e ética, se manifesta, agudamente, um ímpeto revolucionário. Alguns poemas são expressamente políticos, como a sátira de Mandelstam²² contra Stálin, ou os poemas de Tzvietáieva contra a invasão da Tchecoslováquia pelos nazistas. Outros não estão implicados com mensagens políticas. A revolução implícita nos poetas e poemas que traduzo, sob a rubrica de “recusa”, está mais ligada à negativa dos verdadeiros poetas em abdicar das suas convicções e rebaixar a sua proposta artística, mesmo quando hostilizados ou sacrificados. Registro casos exemplares dessa conduta. Tzvietáieva e Emily são personalidades muito diferentes, e a razão polí-

On-Line, analisando a obra *Prezado Sr. Stalin* (Rio de Janeiro: Zahar, 2008), de autoria de Susan Butler; e a entrevista “Stálin: intelectual e assassino”, na edição 268, de 28-07-2008, em que Simon Montefiore fala de sua obra *O jovem Stálin* (São Paulo: Companhia das Letras, 2008). (Nota da IHU On-Line)

22 Ossip Mandelstam (1891-1938): foi um poeta russo. De ascendência judia, faleceu num campo de prisioneiros. Augusto o traduziu em *Poesia da recusa* (São Paulo: Perspectiva, 2006). (Nota da IHU On-Line)



O Abrir e o Fechar
Do Ser é igual e
Desigual, se o for
À Flor no Caule.

Que de mesma Semente
Vão, em igual Botão,
Paralelos, perfeitos
No que já não são.

tica que aparece em alguns poemas da primeira não existem na segunda, cujas especulações são mais metafísicas. O que me chamou a atenção, ao compará-la com Tzvetáieva, apesar das diferenças do tempo em que viveram e de suas biografias, foram duas características: a concentração da linguagem e da emoção e a coincidência da forma original com que inscreveram seus poemas, substituindo a pontuação convencional por traços (travessões ou hífen). Comuns no idioma russo, onde se diz “la – odin”, omitindo o verbo, ou seja “Eu (estou) só, mas não com a intensidade com que aparecem nos textos tzvetaiavanos; incomuns na língua inglesa com a profusão com que surgem na poesia de Emily, substituindo pontos e vírgulas. A conjugação desses recursos induz, em ambos os casos, a interferências e ruptura no discurso poético, que sugerem processos próximos da montagem e lhes conferem originalidade e extremo vigor poético. Some-se a isso a recusa ética que encontro nas duas personalidades.

Tradução e compreensão

Aprendi e aprendo com todos os poetas que traduzo. Todos me influenciam, de algum modo. Mas tento, instintivamente, proceder como Hopkins, que

dizia, com respeito às suas leituras prediletas, que o que lhe ocorria era “admirar e fazer outra coisa”. O meu trabalho em computador é consequência das teses que levantamos nos anos 50, que tinham em vista a assimilação das novas conquistas tecnológicas. Mas, por mais diversos que sejam dos poetas do passado que traduzi, fico sempre algo de suas lições. Obviamente o “paideuma” concreto tem lugar privilegiado, mas não exclusivo, entre esses poetas. *Un coup de dés*, de Mallarmé, entre dois séculos, pode ser visto, à luz do universo digital, como um pré-hipertexto.

IHU On-Line - A poesia feminina, no Brasil, e mesmo no mundo, é vista, de maneira superficial, como piegas, confessional, “feminista”. O que Dickinson traz de novo em relação a uma tradição de poetas americanas como Gertrude Stein, que o senhor também traduziu, e quais os principais desafios que suas traduções impõem?

Augusto de Campos - As duas poetisas demonstram, cada qual à sua maneira, que essa história de poesia “feminina” é mais uma questão de preconceito e de discriminação do que outra coisa. A poesia de Safo²³ é talvez a mais bela poesia lírica da antiga Grécia. A “trobairiz” provençal Condessa de Dia²⁴ não é inferior aos melhores trovadores do seu tempo. Modernamente, quando foi concedido mais espaço à expressão das mulheres, revelaram-se poetisas e escritoras excepcionais como Marianne Moore,²⁵ Mina Loy,²⁶ Djuna Barnes.²⁷ Entre nós, a Gilka Macha-

do²⁸ dos *Cristais partidos* figura com dignidade ao lado de qualquer dos pós-simbolistas da sua época. Cecília Meireles²⁹ é delicada mas não é piegas. Emily e Gertrude são expressões máximas de criatividade e de inovação. As duas são difíceis de traduzir. A maior dificuldade que encontrei com Gertrude foi a escassez de monossílabos e palavras curtas em nossa língua, o que gera muitas perdas, no caso de sua obra mais experimental, onde o som é essencial, e acaba limitando as nossas escolhas. Só dá para traduzir esteticamente alguns textos. No de Emily, há a extrema síntese e essencialidade de sua obra, elíptica e aforismática. Também aqui o português desajuda, embora não tão drasticamente, pela falta de um estoque de vocábulos breves, o que exige um grande “tour de force” para manter o ritmo, a intensidade, a concentração originais. Deixei de traduzir muitos poemas dela, que me dizem muito, por não ter conseguido achar a chave, “acertar na veia”, como se diz no futebol; aí, preferi tirar o time do campo.

Fórmula da tradução

“Forma e alma” é a minha fórmula. Um dos maiores exemplos é o de Omar Khayyam,³⁰ vertido sete séculos depois, do persa, por Edward Fitzgerald.³¹ Ninguém sabe persa. O

28 Gilka Machado (1893-1980): poeta brasileira, seu primeiro livro de poesia, *Cristais partidos*, foi publicado em 1915. Em 1978, publicou suas *Poesias completas*. (Nota da IHU On-Line)

29 Cecília Benevides de Carvalho Meireles (1901-1964): foi poeta, professora e jornalista brasileira. Autora de *Romanceiro da Inconfidência*. (Nota da IHU On-Line)

30 Omar Khayyam (1048-1131): poeta, matemático e astrônomo iraniano. Seu nome completo era Ghiyath Al Din Abul Fateh Omar Ibn Ibrahim Al Khayyam. Ele foi famoso em vida como o matemático e astrônomo que calculou como corrigir o calendário persa. A filosofia de Omar Khayyam era bastante diferente dos dogmas islâmicos oficiais. Concordou com a existência de Deus mas se opôs à noção que cada acontecimento e fenômeno particular era o resultado de intervenção divina. Em vez disso ele apoiou a visão que leis da natureza explicam todos fenômenos particulares da vida observada. (Nota da IHU On-Line)

31 Edward Fitzgerald (1809-1883): foi um escritor inglês, mais conhecido como o poeta da primeira e mais famosa tradução inglesa do “Rubayat”, de Omar Khayyam. (Nota da IHU On-Line)

23 Safo: foi uma poeta grega que viveu na cidade lésbia de Mitilene, ativo centro cultural no século VII a.C.. Nascida algures entre 630 e 612 a.C., foi muito respeitada e apreciada durante a Antiguidade. (Nota da IHU On-Line)

24 Condessa Beatriz de Dia (1190-1210): trovadora francesa medieval, soube, com grande propriedade, narrar e cantar os prazeres do amor carnal. (Nota da IHU On-Line)

25 Marianne Moore (1887-1972): foi uma poeta modernista norte-americana. (Nota da IHU On-Line)

26 Mina Loy (1882-1966): foi uma artista, poeta, dramaturga e romancista inglesa. (Nota da IHU On-Line)

27 Djuna Barnes (1892-1982): foi uma escritora norte-americana. Ficou conhecida pelo seu lúgubre romance *Nightwood* (1936). (Nota da IHU On-Line)

que conhecemos como o *Rubaiyat* de Khayyam é a versão inglesa, “Omar Fitzgerald”. Escritores tão diversos mas tão extraordinários como Pound e Borges³² o tomam como tradutor exemplar. Borges chega a insinuar a transmigração de almas. O tradutor precisa se aprofundar no texto traduzido, adquirir a sua “persona”, criar um diálogo medular com ele, captar a sua “alma”. Mas sem “forma”, não faz nada que preste.

IHU On-Line - Dickinson publicou raros poemas em vida, desencorajada por escritores que não compreenderam, à época, sua poesia. Há um interesse seu por poetas que buscam uma síntese em sua obra, como Mallarmé, Kilkerly, G. M. Hopkins? Dickinson, no entanto, deixou quase dois mil poemas. Sua obra, de modo geral, se mantém única, excepcional num todo? E como é possível poetas desse nível não serem aceitos em seu tempo? Estaremos sempre atrasados em relação a escritores de qualidade como Dickinson?

Augusto de Campos - Bem, é preciso considerar que os poemas de Emily foram extraídos de cadernos, cartas e bilhetes. Nem todos têm o acabamento e a perfeição de “Não sou ninguém” e outros. Mas sua obra é, sim, excepcional, e seus melhores poemas têm uma concisão e uma dimensão de modernidade que não encontramos, sob certos aspectos, nem em grandes poetas como Poe³³

32 Jorge Luis Borges (1899-1986): escritor, poeta e ensaísta argentino, mundialmente conhecido por seus contos. Sua obra se destaca por abordar temáticas como filosofia (e seus desdobramentos matemáticos), metafísica, mitologia e teologia, em narrativas fantásticas onde figuram os “delírios do racional” (Bioy Casares), expressos em labirintos lógicos e jogos de espelhos. Ao mesmo tempo, Borges também abordou a cultura dos pampas argentinos, em contos como “A morte”, “O homem da esquina rosada” e “O sul”. Sobre Borges, confira a edição 193 da *IHU On-Line*, de 28-08-2006, intitulada *Jorge Luiz Borges. A virtude da ironia na sala de espera do mistério*. Augusto o traduziu em *Quase-Borges + 10 transpoemas* (São Paulo: Memorial da América Latina, 2006). (Nota da IHU On-Line)

33 Edgar Allan Poe (1809-1849): foi um escritor, poeta, romancista, crítico literário e editor norte-americano. Algumas das suas novelas, como *The murders in the Rue Morgue* (Os crimes da Rua Morgue), *The purloined letter* (A Carta Roubada) e *The mystery of Marie Roget* (O mistério de Maria Roget), figuram entre

ou Whitman,³⁴ seus contemporâneos. Poetas da estirpe dela não foram aceitos no seu tempo porque estavam à frente dele: seus textos não estavam repertoriados, fugiam ao convencional. Isso ocorreu e ocorre sempre que um escritor ou um artista inova, quando sua linguagem ultrapassa a codificação vigente.

IHU On-Line - Sendo um dos criadores da poesia concreta, o senhor avalia que Dickinson, em sua obra, vai do cONcREto ao eTERNO? Poderia explorar essa questão?

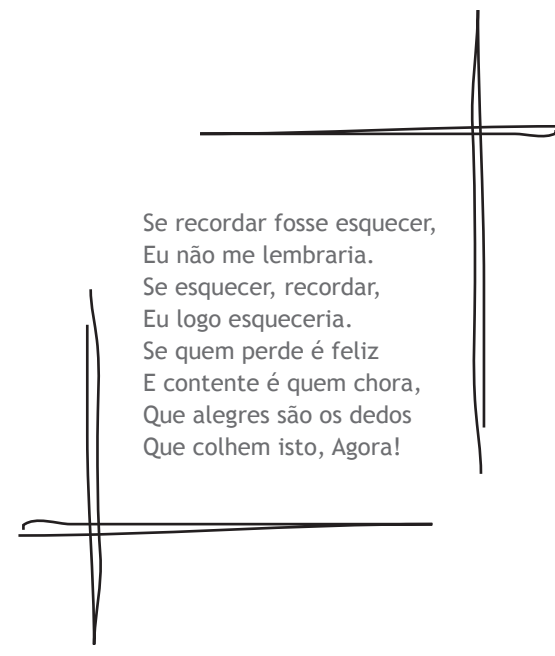
Augusto de Campos - Ressalto em maiúsculas o palíndromo TERNO que vislumbrei nas duas palavras com que procuro, sinteticamente, definir os traços polares da sua poesia, aos quais não está alheia a ternura da sua emoção: a substantividade do léxico dickinsoniano e a sua capacidade de ir de temas aparentemente singelos, da observação de pequenos dados e eventos da natureza ou do ser humano, a indagações sobre o Tempo, a Morte e a Eternidade, temas que a todos nós afligem como uma fundamental pergunta sem resposta. Do concreto ao abstrato.

IHU On-Line - O senhor acha que ainda há uma resistência a ver a tradução como um trabalho necessário e influente para o entendimento da dita poesia brasileira, ou ainda há aquela idéia de que tradução não é um produto original e é, portanto, inferior, ou isso tem mudado?

Augusto de Campos - É até certo ponto compreensível o desprezo pela tradução de poesia, porque em geral ela é medíocre. Uma espécie de estelionato poético e desrespeito ao poeta traduzido, embora os tradutores pareçam não ter consciência disso, porque não conhecem suficientemente métrica nem ritmo, não têm técnica nem são poetas hábeis e habilitados para traduzir. O resultado é sofrível, o mais das vezes. Seria melhor, em muitos

as primeiras obras reconhecidas como poéticas, e, de acordo com muitos, as suas obras marcam o início da verdadeira literatura norte-americana. (Nota da IHU On-Line)

34 Walt Whitman (1819-1892): foi um poeta norte-americano, autor de *Folhas de relva* (Tradução de Rodrigo Garcia Lopes. São Paulo: Iluminuras, 2005). (Nota da IHU On-Line)



Se recordar fosse esquecer,
Eu não me lembraria.
Se esquecer, recordar,
Eu logo esqueceria.
Se quem perde é feliz
E contente é quem chora,
Que alegres são os dedos
Que colhem isto, Agora!

casos, que fizessem traduções literais, sem pretensão poética, e edições críticas, que são muito úteis, quando confiáveis. Sem as traduções críticas literais e acompanhadas de estudos e glossários, como as de Lavaud ou Toja, da poesia de Arnaut Daniel,³⁵ eu não teria me aventurado a traduzir do provençal antigo todas as suas 18 canções, difíceis de entendimento. Mas sem técnica e paixão não conseguiria transmitir a sua voz em português.

IHU On-Line - Por que o senhor ainda acha que certa crítica acredita que os poetas modernos, como Dickinson, ao terem uma linguagem elaborada, estão apartados do pathos existencial? Ainda há essa dicotomia na interpretação da poesia, ou seja, esta, para ser considerada boa correntemente, ainda deve ser confessional, piegas?

Augusto de Campos - Há muito preconceito em relação à “forma”. Ana Cristina Cesar,³⁶ por exemplo — figu-

35 Arnaut Daniel de Riberac: foi um trovador do século XIII, cuja obra foi escrita em occitano, mais especificamente, no dialeto limosino. Foi chamado por Dante de “il miglior fabbro” (“o melhor criador”). No século XX, deveu-se ao trabalho de divulgação de Ezra Pound a retomada do interesse por sua obra, que repercutiu no Brasil, por meio dos ensaios e das traduções de Augusto de Campos, presentes, por exemplo, em *Verso reverso controverso* (São Paulo: Perspectiva, 1978) e *Invenção Invenção - De Arnaut e Rambaudt a Dante e Cavalcanti* (São Paulo: Arx, 2003). (Nota da IHU On-Line)

36 Ana Cristina Cruz Cesar (1952-1983): é

ra tão simpática, vista por todos com afeto, ainda mais pelo seu final trágico — se mostrou inicialmente muito restritiva contra o que ela imaginava ser um “approach” formalista e “político” (leia-se “concretista”) de minha parte, reconhecendo a qualidade artesanal das minhas versões, mas vendo-as desfavoravelmente em relação à aparente espontaneidade de Manuel Bandeira (o texto de Ana Cristina a que me refiro é o intitulado “Bastidores da tradução” e compara os *Poemas traduzidos* de Bandeira³⁷ ao meu *Verso reverso controverso*, saído em 1974). Mas a verdade é que Ana Cristina sofria do preconceito geracional contra a “forma”, sendo também uma tradutora incipiente de poesia. Ver as tentativas de tradução que fez de “Do not go gentle”, de Dylan Thomas,³⁸ pobres de métrica e rima, quando o original é impecável. Foi preciso Caetano³⁹ cantar a minha versão de “Elegia”, na composição popular de Péricles Cavalcanti,⁴⁰ para que ela se tocasse. Mais tarde, reconsiderou sua primeira impressão, quando saiu a edição do meu *Mais provençais* pela Editora Noa Noa, em 1983, num artigo que denominou “Bonito demais”. Esse escrito aparece, como o anterior, no livro póstumo *Crítica e tradução*, às páginas 254-255,

uma das principais poetas da geração mimeógrafo ou da chamada literatura marginal dos anos 1970. É autora de *Inéditos e dispersos* e *A teus pés*. (Nota da IHU On-Line)

37 Manuel Carneiro de Sousa Bandeira Filho (1886-1968): foi um poeta, crítico literário e de arte, professor de literatura e tradutor brasileiro. Considera-se que Bandeira faça parte da geração de 22 da literatura moderna brasileira, sendo seu poema “Os sapos” o abre-alas da Semana de Arte Moderna de 1922. Juntamente com escritores como João Cabral de Melo Neto, Paulo Freire, Gilberto Freyre e José Condé, representa o que há de melhor na produção literária do estado de Pernambuco. (Nota da IHU On-Line)

38 Dylan Thomas (1914-1953): foi um poeta do País de Gales. (Nota da IHU On-Line)

39 Caetano Emanuel Viana Teles Veloso (1942): compositor, cantor, músico e escritor. Seu nome se associa sobretudo às canções do movimento da Tropicália. Dentre seus livros, citamos *Alegria*, *Alegria* (Rio de Janeiro: Pedra que Ronca, 1997), *Verdade tropical* (São Paulo: Companhia das Letras, 1997), *Letra só* (São Paulo: Companhia das Letras, 2003) e *O mundo não é chato* (São Paulo: Companhia das Letras, 2005). (Nota da IHU On-Line)

40 Péricles da Rocha Cavalcanti (1947): é um compositor, cantor e cineasta brasileiro. (Nota da IHU On-Line)

escondido pelo organizador, já que precisa ser procurado, com lente, num índice acronológico e obscuro. Outros comentaristas continuam a repetir que só nos interessa a forma, o que não é verdade.

Envolvimento emocional com a poesia

Sempre fiz acompanhar as minhas traduções por considerações que envolvem traços caracterológicos dos autores no contexto do seu tempo e nunca deixei de me envolver emocionalmente com os poemas. *Verso reverso controverso* é um livro apaixonado. É uma injustiça que salta aos olhos, desde o prefácio, julgá-lo um livro formalista e didático. Livro, aliás, precedido por um vibrante *Maiakóvski*, com traduções do russo, por Haroldo de Campos e por mim, com a colaboração de Boris Schnaiderman,⁴¹ publicado em 1967 pela editora Tempo Brasileiro. Entendo que é preciso vestir a pele do poeta traduzido. Flaubert: *Madame Bovary c'est moi*. Eu morri sob o epitáfio de Tristan Corbière:⁴² “Matou-se de paixão ou morreu de preguiça” e “morri pela Beleza” com Emily Dickinson. Se enfatizo a forma é porque é o ponto mais frágil das traduções brasileiras, muitas delas bem intencionadas, mas invalidadas desde logo pela falta de domínio artístico — “o teste da sinceridade”. Creio que o preconceito é, em grande parte, uma atitude defensiva, originária de deficiências técnicas, que colocam a arte poética, sem a qual o poema é nada, em segundo plano. Não é à toa que Pignatari recomendou aos jovens, irônica mas objetivamente, que lessem Bilac.⁴³ Este, pelo

41 Boris Schnaiderman: tradutor, escritor e ensaísta ucraniano radicado desde a infância no Brasil. Traduziu os grandes escritores russos, como Dostoiévski, Tolstói, Tchekhov, Górkí, Bâbel, e poetas como Púchkin e Maiakóvski. Com Augusto e Haroldo de Campos, traduziu *Maiakóvski - Poemas* (2. ed. ampliada. São Paulo: Perspectiva, 1982) e *Poesia russa moderna* (3. ed. ampliada. São Paulo: Perspectiva, 2001). (Nota da IHU On-Line)

42 Tristan Corbière (1845-1875): foi um poeta francês. Augusto traduziu poemas dele em *Verso reverso controverso* (São Paulo: Perspectiva, 1978). (Nota da IHU On-Line)

43 Olavo Brás Martins dos Guimarães Bilac

menos, não errava a mão na métrica nem na gramática, tinha riqueza rímica e era fluente em seus versos. O nome, aliás, já era um alexandrino perfeito: Olavo Braz Martins dos Guimarães Bilac...

IHU On-Line - Quais são seus próximos projetos na área de tradução. Sabe-se, por exemplo, que há um para sair pela Perspectiva, do poeta alemão August Stramm⁴⁴... pode adiantar um pouco sobre ele?

Augusto de Campos - Stramm é o mais radical dos poetas expressionistas alemães. Também extremamente conciso como Emily. Morreu em combate na primeira Grande Guerra do século passado. Vivendo na época do Alto Modernismo, informado de movimentos de vanguarda, como o Futurista, criou um estilo próprio e único. O que chamei de “poemas estalactites”. Dificílimo também de traduzir, por causa de sua proposta desestabilização da linguagem poética, onde as categorias gramaticais transitam de substantivo a verbo ou a adjetivo, se intercambiam — uma areia movediça que complica o seu entendimento e a sua conversão para outros idiomas. Por isso é até hoje pouco traduzido. Outro projeto, que estou preparando, é uma coletânea de traduções de Byron (principalmente o satírico, de *D. Juan*) e seu oposto, Keats,⁴⁵ de que verti mais duas Odes e alguns poemas. Acho muito interessante acoplar obras tão diferentes, da mesma época, e buscar encontrar a complementaridade desses dois grandes poetas na perspectiva do tempo. E traduzi mais 50 poemas de Rilke — com ênfase, como sempre, na “poesia-coisa” — que pretendo acrescentar a uma futura republicação do meu livro *Coisas e anjos de Rilke*.

(1865-1918): foi jornalista e poeta brasileiro e membro fundador da Academia Brasileira de Letras. (Nota da IHU On-Line)

44 August Stramm (1874-1915): poeta e dramaturgo do expressionismo alemão. (Nota da IHU On-Line)

45 John Keats (1795-1821). poeta inglês do romantismo. Augusto traduziu alguns de seus poemas em *Linguaviagem* (São Paulo: Companhia das Letras, 1987). (Nota da IHU On-Line)

Invenção

Editoria de Poesia

Dennis Radünz

POR ANDRÉ DICK

O poeta Dennis Radünz nasceu em Blumenau (SC), em 1971. É autor dos livros *Exeus* (2. ed. Florianópolis: Editora da UFSC/Ed. Letras Contemporâneas, 1998), *Livro de Mercúrio* (Joinville: Letradágua, 2001) e *Extraviário* (Joinville: Letradágua, 2006). Foi criador e editor de seis edições do jornal cultural *Univerbo* (Blumenau, 1992-1993) e articulista do Caderno Anexo, do jornal *A Notícia* (Joinville), com 150 textos publicados, de 1996 a 1999, entre artigos e matérias nas áreas de literatura, teatro e artes plásticas. Também foi colunista semanal do Caderno Variedades, do jornal *Diário Catarinense* (2004-2008). Atualmente, é diretor-editor da editora Nauemblu Ciência e Arte, Coordenador de Patrimônio da Fundação Cultural de Florianópolis Franklin Cascaes e editor-executivo da Fundação Franklin Cascaes Publicações.

Radünz apresenta uma poesia caracterizada pela sonoridade e pela riqueza de imagens que remetem ao barroco. Há, no entanto, na profusão de aliterações em seus poemas, uma espécie de simetria que remete ao rigor verbal da poesia concreta e da poesia oriental, concentrado em formas rápidas, mas de muito impacto. Em certos momentos, como em sua estréia em *Exeus*, a sonoridade acaba levando à composição da imagem. Em “O coral dos co-réus”, por exemplo, há a visualização de um ambiente de praia: “ar, aragem de algas / esvai-se em corais / co-réus e colônias / [...] / como herança, ira / arraia no erro / hidra”. Em “As metades”, há um jogo de palavras: “mistério da matéria / a medula do minério / na miséria / / mistério da miséria / a medula do mi-

nério / na matéria”. Radünz também lida com a metalinguagem, como na segunda parte de “Metapoesia” (“o poema / incende / insula / / música / em miniatura”), ou em “Poem”, no qual se faz presente a integração entre a matéria poética e a natureza: “acudam-nos selo / endereço / casa / / casulo da metáfora / morre a larva”. No entanto, em sua poesia, a natureza sempre acaba se construindo pela linguagem simétrica, como nos versos de “Do ido”: “o rio na artéria sangria / [...] / ira a fluir se iria (se / de senha sonha-se a sina) / rio no vau se aprazia / / água viva do vale, a via”.

Minério subjetivo

No segundo livro de Radünz, *Livro de Mercúrio*, essa sonorização de elementos selecionados nos versos recebe uma certa influência mais direta da observação do poema oriental, em poemas como “O jardim japonês”: “o girassol latente no chão de meteoritos / coágulos de chuveiro ou chuva escrita em carvão líquido / o breu e a ravina e a neblina de arenito”. Por sua vez, “Fases da noite” é um haicai: “relógio de sol / ao luar. a sombra pára / o despertar”. Ainda assim, a sonorização mostra um poeta que trabalha as imagens por meio da extensão do verso, a exemplo de “Sambaqui”: “nos sulcos lenhosos dos corpos, / as achas, em chamas de mortos / / fetos, feito moluscos nas rochas, / ou tochas, na foz do crepúsculo: / / a dor da fagulha figura nos ossos, / os olhos, em conchas: albatrozes, / / botos, peixes-cofre / ou pássaros suspensos em cúpulas”. Como já se entrevia nos poemas de *Exeus*, o poeta, aliás,

seleciona o minério como um reflexo de sua subjetividade, em “Betume da Judéia”, em que fale de sua “origem mineral” no “refino fóssil de todos os dias”. Nesse caso, o minério se contrapõe aos líquidos (de todos os tipos) mencionados ao longo dos poemas de Radünz. Já em *Extraviário*, seu livro mais recente, Dennis muda um pouco sua poesia mais sintética, e, sem abandonar as imagens barrocas e a sonorização de alta qualidade, aumenta seus versos e poemas, recuperando novamente imagens de rios, nascentes, oceanos, pedras, fósseis, flores. Esse ideário talvez seja melhor representado em “Natureza por aproximação”: “isso não quer dizer paisagem / com anêmonas e contêineres imóveis. / / inocências. flores desligáveis / ou circuitos de posseção de imagem, / / não quer dizer as fases da fisionomia. / nem farfalhas. nem falências. / / isso não quer dizer sambaqui, / nem coração acelerado de estrofanto. / / isso não custa, nem desculpa. / sem plano sagital. sem zona eufótica. / / isso não quer dizer contêiner, / mas anêmonas interditas e móveis, / / inservíveis sobre a paisagem”. Já em “Os mínimos e os nímios”, há uma contestação social: “como um líquido dos tóxicos, o tinto / como se um rém lhe seqüestrasse o íntimo, assim / como se a cura pelo crime fosse, então / e, ao fim, incendiasse a sala de detenção / / e o que restar é um estado civil / de invertebráveis: os traficantes / de organismos semi-vivos / o ilegal, o indefensável, o ilícito”. Radünz enviou três poemas inéditos à **IHU On-Line**, com muitas dessas características assinaladas e outras que tornam sua poesia tão interessante.

FASES DA FISIONOMIA

a aparição em claro-escuro
sopesa o outro sobre a pele
entre uns nichos de tecidos
e as suas células moventes

(o que respira ainda é rosto
sobre o remoto sobre-rosto
nas carnações do movediço
e os seus maciços sinuosos)

mas a figura o escasseia
emavas de fisionomias
(pelame, voz, temperaturas,
cabeça posta sobre a febre)

e a dentição, sob o desenho,
devora adentro a identidade
caso o disfarce não falseie
o impossível da aparência

*todo mesmo é diferença
(idades da alteridade)
todo retrato é insciência
feição da sobrenatureza*

REPRODUÇÃO
POR DESLIZAMENTO*Família das Briófitas*

dorme o musgo sobre o nicho de jasmim
nos jejuns que o jardim flore nos úmidos
e é de ontem que hibernam, nos escuros,
miúdos musgos que extremam os confins
nos secretos dos insetos que os devassam
e os enleiam nos deslizos contra os lodos,
quando roçam-se no cio do outro musgo
e se lançam em abismo de outros sumos,
onde o sexo não tem caule nem as folhas
desde o fundo do que é húmus e enzima:

no limoso são os inéditos de pele
que, dormindo, tocam nus de toda a relva

AS CIDADES SEDADAS

Habitar significa deixar rastros — Walter Benjamin

1/ [apartamento]

o corredor de deserção a deserção

o cubículo do crepúsculo pisado

no sopeso dos reservatórios rasos

entreabre a basculante, desabita

empareda entre as paredes-cegas

silenciários|sedados|suicidados

suas áreas intérminas de serviço

não-olhos de alarme sob a vista

2 / [as paralisias]

o último acostamento

|buraca|molícia|borriço|melúria
|borracha|lamúria|blindados|blocausse
|blecautes|barulho|borrascas|desarmes
|os relógios se consultam|meios da velo
cidade|as hosanas de sirenes|e animálias
semoventes corridas pelo encalço|

desde a era cenozóica
ou acelerações futuras

uns consumidos subsumidos
no campo além da antevisão:

a cerração da sobrevida nos traz escuros para a brisa

3/ [os trânsitos]

a próxima velocidade

! provisões de previsão do tempo exposto
em nervo de espaço! em póvoa pulcra!
e aa quarta feira seguimte pola manhaã
topamos aves a que chamam fura buchos!
nichos escuros do metrô em que mineram
os acusados consanguíneos! os bichos!

o perdido sob a pista
nos cediços do que é éden

os escapes e capturas
e as patrulhas de procuras:

dois acidentes aproximam-nos nos fins da sinalização

4 / [área de embarque]

e me chamassem
na ante-sala da emergência
os remorrentes do acidente¹
encordoados de fisionomia
e recém-saídos da aparência
e me ensinassem
suas coisas de ciência curta,
ou demorássemos, convivas
no entorno de suas terrinas
repletas de terror ameno

5 / [detetor de metais]

e eu lhes tocaria
o fundo falso dos aspectos
suas células secretas
todas as áreas da inocência
e nos vulneraríamos
no mercado de futuros
ou nos espelhos populosos
carregados pelos pisos
de um peso-pênsil em asas
incendiadas pelos usos

como se nos alimentassem
somente pães de explosivo

¹ despedidos dos inânimes da carne sobrenadam sem alerta os decaídos
sobre o cimo incendiado do edifício: ceras leves sobre sua pele: acesas

Destaques On-Line

Essa editoria veicula entrevistas que foram destaques nas *Notícias do Dia* do sítio do IHU. Apresentamos um resumo delas, que podem ser conferidas, na íntegra, na data correspondente.

Entrevistas especiais feitas pela IHU On-Line e disponíveis nas Notícias do Dia do sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu) de 29-09-2008 a 03-10-2008.

Os jovens não renunciaram às lutas sociais
Entrevista especial com Paulo Carrano
Confira nas Notícias do Dia 29-09-2008

“Qualquer tentativa de estabelecimento de perfis unitários para os jovens ou qualquer outro grupo etário tende a resvalar em simplificações”, afirma o pesquisador da juventude

Os animais são sujeitos de direitos? O uso dos animais pelos homens

Entrevista especial com Daniel Lourenço
Confira nas Notícias do Dia 30-09-2008

Na opinião do mestre em direito, a Lei Arouca aprovada pelo Congresso, que corria nesta instituição há cerca de 15 anos, que trata dos direitos dos animais, é insuficiente e “representa um retrocesso e não um avanço relativamente ao tema da utilização de animais na pesquisa científica”.

Univvrrsso Gentileza

Entrevista especial com Junior Perim
Confira nas Notícias do Dia 01-10-2008

Para o produtor, o Profeta Gentileza usava a arte a favor da disseminação do significado das palavras agradecido

e gentileza e, por isso, “nosso papel é usar a arte como elemento lúdico de politização e formação de massa crítica”.

Um não-lugar para a mulher

Entrevista especial com Carla Rodrigues
Confira nas Notícias do Dia 02-10-2008

Segundo a jornalista e filósofa, precisamos nos liberar do processo de determinar um lugar para as mulheres. Para ela, “apostar na singularidade, e não num ideal totalizante, parece ser o grande desafio da filosofia hoje”.

A literatura que bebe da fonte bíblica

Entrevista especial com Marcelo Backes
Confira nas Notícias do Dia 03-10-2008

Para Backes, “a literatura tem que inquietar mais do que acalmar, desestabilizar do que estabilizar”. Nesta entrevista, ele reflete sobre os grandes autores que se inspiram na Bíblia, como Saramago, Oscar Wilde e Thomas Mann.

Análise da Conjuntura

A Conjuntura da Semana está no ar. Confira no sítio do IHU - www.unisinos.br/ihu, em 01-10-2008.

A análise é elaborada, pelos colegas do Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores - CEPAT - com sede em Curitiba, PR, em fina sintonia com o IHU

acesse

www.unisinos.br/ihu



IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

C.

IHU em Revista



IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

C.

IHU em Revista

Agenda da Semana

Confira os eventos dessa semana, realizados pelo IHU.
A programação completa dos eventos pode ser conferida no sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu).

Dia 09-10-2008	
<i>IHU Idéias</i> O pré-sal do Brasil (?) Palestrante: Prof. Dr. Gerson Fauth – PPG Geologia – Unisinos Horário: das 17h30min às 19h Local: Sala 1G119 - Instituto Humanitas Unisinos – IHU	
Dia 13-10-2008	
<i>Ciclo de Estudos em EAD – Repensando os Clássicos da Economia</i> Michael Aglietta: Da teoria da regulação à violência da moeda (Michael Aglietta, 1938).	

PARTICIPE DOS NOVOS EVENTOS
DO IHU
CONFIRA A PROGRAMAÇÃO EM
WWW.UNISINOS.BR/IHU

Exploração da camada pré-sal no Brasil: possibilidade de fomento econômico e geração de emprego diante das perspectivas de extração de petróleo

O coordenador do curso de Geologia da Unisinos, Gerson Fauth, discutirá o tema na próxima edição do evento IHU Idéias

POR BRUNA QUADROS

“Se, de fato, for confirmada a existência de grandes reservas de óleo e gás a ponto de tornar o Brasil um grande exportador, isto representaria uma brusca mudança na ordem econômica do país.” A afirmação é do Prof. Dr. Gerson Fauth, coordenador do curso de Geologia da Unisinos, sobre as especulações acerca da extração de petróleo na camada pré-sal — área de 800 km de extensão que seguem da costa do estado do Espírito Santo até Santa Catarina, englobando as bacias do Espírito Santo, Campos e Santos. Para Fauth, que concedeu uma entrevista por e-mail à revista **IHU On-Line** na última semana, o êxito das recentes descobertas feitas pela Petrobras se relaciona com as pesquisas básicas, sem fins econômicos, realizadas em nível acadêmico. Ele destacou, também, que a exploração desta camada abre enormes possibilidades de trabalho e melhoria de renda para várias profissões da área técnica, hoje com escassa mão-de-obra em nosso país, bem como para biólogos, administradores e engenheiros.

Gerson Fauth, que no dia 9 de outubro participa do evento IHU Idéias, promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos — IHU, é graduado em Geologia pela Unisinos, e mestre em Geociências, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). É doutor em Geologia, pela Universität Heidelberg, na Alemanha. Atualmente, é professor e coordenador do curso de Geologia da Unisinos.

IHU On-Line - A descoberta da camada não é recente. No entanto, por que somente agora a exploração no local ganhou força e, da mesma forma, a hipótese de haver petróleo de alta qualidade?

Gerson Fauth - A camada pré-sal vem sendo estudada a mais de uma década pela Petrobras. O êxito das descobertas feitas pela empresa deve-se, muitas vezes, a pesquisas básicas e sem fins econômicos diretos realizados em nível acadêmico dentro e fora da empresa. Ao contrário dos anos anteriores, hoje existem novas e melhores tecnologias nas sondas, na geologia e engenharia, tornando viável um furo de sondagem de 7000m, que atravessa camadas com rochas completamente diferentes.

IHU On-Line - Qual o maior desafio ou limitação, do ponto de vista tecnológico, para a extração do petróleo na camada pré-sal?

Gerson Fauth - Existem grandes desafios a serem rompidos. Até poucos anos atrás, existiam grandes interrogações a respeito de como se comportariam as brocas furando 2000m de evaporitos (saís) na Bacia de Santos. Pesquisadores acreditavam que brocas poderiam sofrer grandes desgastes por superaquecimento. Entretanto, estes problemas foram resolvidos com brocas de última geração constituídas de ligas metálicas com maior resistência. Existem várias outras questões que ainda devem ser resolvidas e que passam pelo aluguel das caríssimas sondas (pode chegar a 600 mil dólares/dia),

problemas de logística com transporte de pessoal e carga para viagens a 300 km mar adentro, falta de plataformas, possíveis problemas com a falta de aço para construção de novas plataformas no país, falta de uma indústria naval competitiva e a grande falta de profissionais especializados.

IHU On-Line - Quais os impactos ambientais da perfuração da camada de sal para extração do petróleo?

Gerson Fauth - Todas as perfurações são constantemente monitoradas e oferecem pequenos riscos. As empresas que trabalham nesta área possuem grandes preocupações com o meio ambiente.

IHU On-Line - O que representa, para o campo da geologia, a possibilidade

de haver petróleo nesta camada?

Gerson Fauth - A exploração desta camada abre enormes possibilidades de trabalho e melhoria de renda para várias profissões da área técnica, hoje com escassa mão-de-obra em nosso país, bem como para biólogos, administradores e engenheiros. No caso da geologia, as perspectivas são muito animadoras, pois o pré-sal irá requerer muito mais profissionais do que as universidades brasileiras estão formando anualmente. Além disso, hoje, o país está necessitando de muitos geólogos nas áreas da mineração (temos aqui no Brasil as maiores mineradoras do mundo), para trabalhar na questão do meio ambiente e na procura de água (o país possui excelentes reservatórios). A solução do governo para isto está na criação de sete novas escolas de geologia nos últimos dois anos, a redução para a metade dos juros do financiamento do Financiamento Estudantil (FIES) para estudantes de geologia e o aumento considerável das vagas nas antigas escolas de geologia. É bom salientar que as primeiras gotas de petróleo do pré-sal irão sair apenas há aproximadamente cinco anos, ou seja, o mercado para geólogos ainda não “explodiu”.

IHU On-Line - Como o senhor percebe a possibilidade de a economia brasileira alavancar com a exportação de petróleo, seja ele bruto ou de produtos derivados?

Gerson Fauth - Se, de fato, for confirmada a existência de grandes reservas de óleo e gás a ponto de tornar o Brasil um grande exportador, isto representaria uma brusca mudança na ordem econômica do país. Entretanto, sou muito cético se algumas coisas no Brasil realmente mudariam com esta nova ordem. Hoje, os países que são os grandes produtores e exportadores de petróleo no mundo não possuem distribuição de renda e grande parte da sua população não possui saúde e educação adequadas, vivendo com dificuldades. No Brasil, sempre tivemos enormes problemas no quesito distribuição de renda. Historicamente, tivemos oportunidades de mudanças nesta área. Entretanto, o país sempre privilegiou algumas minorias.

Da Teoria da Regulação ao atual desequilíbrio financeiro: uma reflexão da economia a partir do pensamento de Michael Aglietta

Para o economista Octavio Augusto Camargo Conceição, Aglietta enfatiza o caráter central e “violento” exercido pela moeda, que sanciona trocas, exclui os não-detentores da moeda de acesso ao consumo e controla diretamente toda a atividade econômica

POR BRUNA QUADROS

O tema *Michael Aglietta: da Teoria da Regulação à violência da moeda* é o objeto de análise do próximo Ciclo de Estudos em Ensino a Distância (EAD), que o Instituto Humanitas Unisinos - IHU realiza com início no dia 13 de outubro. Sobre o assunto, o economista Octavio Augusto Camargo Conceição falou, em entrevista concedida por e-mail à revista **IHU On-Line**, que a teoria de Aglietta se propõe a colocar a moeda no centro do sistema econômico, elucidando sua importância e contradições, que revelam a própria fragilidade e instabilidade inerente à regulação do próprio capitalismo. A respeito do atual desequilíbrio financeiro, ele foi enfático: “A crise monetária atual é de natureza financeira, tem um caráter sistêmico, é de longa duração e explicita a quebra da regulação anterior formada nas expectativas racionais e na desregulamentação dos mercados”. No entanto, o economista acredita que a crise só será resolvida com pesados ajustes, imprevisíveis, que certamente mexerão nos alicerces do atual sistema que agoniza.

Octavio Augusto Camargo Conceição é doutor em Economia, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Atualmente, é economista da Fundação de Economia e Estatística (FEE) e professor do Programa de Pós-Graduação em Economia da UFRGS. É autor dos *Cadernos IHU Idéias* número 78, publicado em 2007 pelo Instituto Humanitas Unisinos - IHU, sob o título *Michael Aglietta: da Teoria da Regulação à violência da moeda*. O conteúdo está disponível em www.unisinos.br/ihu.

IHU On-Line - Qual a relação entre o modelo econômico proposto por Michael Aglietta e a situação econômica que estamos vivenciando?

Octavio Conceição - Aglietta não tem propriamente um modelo econômico, mas enfatiza em toda a sua análise o caráter central e “violento” exercido pela moeda, que sanciona trocas, exclui os não-detentores da moeda de acesso ao consumo e controla diretamente toda a atividade econômica. A moeda tem efeitos reais dramáticos, que afetam os mercados, as decisões de empregar e de investir e os próprios ciclos econômicos. Portanto, ao contrário da sabedoria convencional, ortodoxa e liberal, a moeda não é neutra e exerce efeitos poderosos sobre o mercado (e não o contrário). Os mercados é que se subordinam aos poderosos movimentos dos detentores da moeda, que, a despeito de serem socialmente

excludentes, impõem, de tempos em tempos, trajetórias cíclicas de crise. É desnecessário estabelecer paralelos com a crise financeira atual, que não tem nada de aleatória, nem exógena. Ela é fruto da desregulamentação de mercados financeiros que se proliferaram a partir dos anos 80 e 90, no centro do sistema, que conduziria inevitavelmente às instabilidades ora enfrentadas.

IHU On-Line - Quais as contribuições de Marx e Keynes para a formação teórica de Aglietta?

Octavio Conceição - A contribuição de Aglietta vê ambos os autores como referências obrigatórias. O ponto central que os unifica é enxergar a moeda como algo mais do que um meio de troca. Ela, além de reserva de valor, tem também gigantescos efeitos especulativos, que tira da produção e do chamado “lado real da economia” o poder supremo de orientar os agregados macroeconômicos. Às vezes, como em momentos de crise como a que estamos enfrentando, a preferência pela liquidez derruba o sistema bancário, inviabiliza a credibilidade e impõe um ciclo depressivo. Esses elementos estão claramente presentes na obra de Aglietta.

IHU On-Line - Quais os princípios da Teoria da Regulação e qual o reflexo sobre o sistema capitalista e a crise monetária?

Octavio Conceição - A Teoria da Regulação, cujo pioneiro foi o próprio Aglietta, estabelece que as economias capitalistas estão alicerçadas em bases institucionais que têm na moeda um de seus cinco pilares. Os outros são a relação salarial, o papel do Estado, o padrão de concorrência intercapitalista e a adesão ao regime internacional. Para ele, é a confiança e a articulação social em torno dessas formas institucionais que asseguram a durabilidade, estabilidade e, portanto, regulação do sistema. Quando um desses elos se fragiliza, quebrando contratos ou padrões de confiabilidade, o sistema se instabiliza conflagrando uma crise, que, se não for adequadamente contornada, culminará em depressões. Essas, uma vez superadas, estabelecerão um novo padrão de regulação. Isso é o que parece estar ocorrendo atualmente, pois a necessidade de um novo padrão financeiro

internacional surgirá para resolver ou será resultante da superação da atual crise.

IHU On-Line - De que maneira o conceito de fordismo e a Teoria da Regulação se relacionam no pensamento de Aglietta?

Octavio Conceição - O conceito de fordismo se relaciona à fase de regulação do capitalismo mundial, que se inicia após a Grande Depressão dos anos 30 e vige até a estagnação dos anos 60. Nessa fase, os ganhos de produtividade foram incorporados aos salários dos trabalhadores, o que constituiu um círculo virtuoso de acumulação de capital, ganho tecnológico e aumento salarial. A economia estava “regulada” por esses fatores. Por essa razão, fordismo e keynesianismo são conceitos compatíveis, embora o vigor inflacionário dos anos 60 expusesse o esgotamento desse modelo. A fase que se sucedeu foi de rearticulação de um novo padrão de regulação, menos fordista, menos intervencionista e menos virtuoso, que culminou com as políticas restritivas da demanda agregada. Esse elenco de medidas, centradas no *supply side*, justifica o sucesso de políticas, talvez mal designadas de “neoliberais”, que culminaram no Consenso de Washington do início dos anos 90. Elas foram forjadas no auge da crise do keynesianismo dos anos 60 e revigoraram o pensamento ortodoxo, que produziu a desregulamentação financeira que hoje demonstra seu esgotamento e explicita a atual crise financeira. Em linguagem regulacionista, tanto a crise dos anos 30 quanto a atual revela a necessidade de se construir um novo ambiente institucional capaz de assegurar novas e inéditas condições para a retomada de um novo e “diferente” processo de crescimento econômico. É esse processo que Aglietta designa como regulação.

IHU On-Line - Nos seus estudos, o senhor diz que a crise capitalista não é meramente um desajuste monetário, mas sim a concessão de um “poder”. Esta afirmação não se torna contraditória? Como o senhor explica esta questão?

Octavio Conceição - Não há contradição alguma. O desajuste monetário é fruto de uma desarticulação endógena do padrão

de acumulação de capital vigente, que ao produzir um excesso de especulação sem lastro e sem base produtiva, terminou por provocar, não sem avisos de estudiosos da questão, a gigantesca crise que se abate hoje sobre o sistema financeiro mundial. Isso revela que o poder oriundo da propriedade da moeda e de títulos financeiros é efêmero e se dissolve no ar, se não houver uma sólida contrapartida em bases reais e produtivas.

IHU On-Line - No que consiste a nova “teoria econômica”, proposta por Aglietta em *A violência da moeda*?

Octavio Conceição - Como já foi dito, a teoria de Aglietta se propõe a colocar a moeda no centro do sistema econômico, elucidando sua importância e contradições, que revelam a própria fragilidade e instabilidade inerente à regulação do próprio capitalismo.

IHU On-Line - Como economista, qual a sua visão acerca da crise monetária pela qual muitos países estão passando? E como o senhor analisa, em particular, a situação do Brasil, diante de tal desequilíbrio monetário?

Octavio Conceição - A crise monetária atual é de natureza financeira, tem um caráter sistêmico, é de longa duração e explicita a quebra da regulação anterior formada nas expectativas racionais e na desregulamentação dos mercados. Faltou ordem ao sistema para organizar essa parafernália financeira que tomou conta do mundo nos últimos 15 anos. Ela será resolvida com pesados ajustes, imprevisíveis, que certamente mexerão nos alicerces do atual sistema que agoniza. Ao contrário do que ocorreu nas últimas duas décadas, acho que a economia brasileira, que vem passando por profundas transformações desde os anos 90, está relativamente “blindada” em relação às economias centrais. Nosso sistema financeiro tem um lastro maior do que o norte-americano e não apresenta o volume de financeirização vigente nos países centrais. Certamente, efeitos negativos ocorrerão, mas a diversificação produtiva conquistada nos últimos anos poderá responder por avanços em setores voltados para os mercados internos, e para setores exportadores fora de eixo comandado pelos países centrais.

Perfil Popular

Vanessa Cristina da Silva

POR BRUNA QUADROS

“Levanta, sacode a poeira e dá a volta por cima.” Este verso da música “Volta por cima”, da cantora brasileira Beth Carvalho, define bem a trajetória de Vanessa Cristina da Silva, 24 anos, atendente do restaurante e cafeteria Happy Station, na Unisinos. Além do trabalho, ela divide a rotina entre as duas filhas, Maria Luiza e Marina, as quais cria, praticamente, sozinha, e ainda estuda à noite. Durante a última semana, Vanessa reservou um tempinho para conversar com a revista IHU On-Line, no intervalo do trabalho. Ela conta que aprendeu muito com as dificuldades pelas quais já passou, mas não é de desanimar. Só quando o assunto é a política, que deixa de lado investimentos importantes como educação e saúde.

Acompanhe, a seguir, os relatos de vida desta mulher e mãe que tem muita força para lutar pela vida:

Nascida no bairro Rio Branco, em São Leopoldo, onde mora até hoje, Vanessa aproveitou muito a infância, brincando de boneca, de se esconder e de pega-pega. Até os nove anos de idade, ela foi filha única. Hoje, tem dois irmãos: Carolina, 10 anos, e o Lucas, de 14. Seu pai é metalúrgico, e a mãe, dona-de-casa. “Eles são a minha base, me ajudam em tudo o que preciso. Meus pais me ensinaram a ser honesta, não querer abusar da inocência dos outros, falar a verdade.” Estes valores Vanessa também ensina para as filhas, Maria Luiza, 4 anos, e Marina, 1 ano e nove meses. “Engravi-dei pela primeira vez aos 19 anos. Não me arrependo de nada. Minhas filhas me dão força para continuar batalhando. Não imagino a minha vida sem elas.” Quando a Maria Luiza tinha um ano de vida, Vanessa começou a trabalhar. O primeiro emprego, no qual ela está até hoje, o restaurante e cafeteria Happy Station, na Unisinos, é uma grande escola. “Quando entrei no Happy, eu era praticamente uma criança. Aprendi a respeitar as pessoas.”

“Quando tem um negro bem formado, ele tem que trabalhar duas vezes mais para se sobressair”

Vanessa conta que não gostava muito de estudar. Atualmente, ela está frequentando aulas em um curso supletivo para concluir o 2º Grau, na sua opinião a chave para melhores oportunidades na vida. “Voltei a estudar por causa da necessidade. O mercado de trabalho já é escasso para quem tem estudos, imagina para quem não tem?” Apesar da rotina corrida — trabalho, casa, filhas e estudos —, Vanessa ainda arruma um tempinho para passear. “Tenho muitos amigos. Então, eu sempre tenho um lugar para visitar.”

Há nove meses, Vanessa se separou do pai das suas filhas. “Foi um período difícil, mas passou. Pego as coisas difíceis que acontecem comigo e tento transformar em coisas boas para, cada

FOTO BRUNA QUADROS



vez, fazer melhor.” Batalhadora, Vanessa afirma que corro muito atrás das coisas que quer, também em função das minhas filhas. “Sempre fui muito descansada, mas mudei da pior forma, passando trabalho para aprender. Sempre tem alguém pior do que a gente e, de repente, nem reclama. As pessoas têm que batalhar mais pelo que elas querem.”

O sonho de se realizar profissionalmente e arrumar um emprego que possa levar uma vida melhor também faz parte da vida de Vanessa. Quanto a isso, ela demonstra confiança: “Vai aparecer outra oportunidade, se Deus quiser.” Para Vanessa, geralmente, quando tem um negro bem formado, ele precisa trabalhar duas vezes mais



Foto Arquivo Pessoal

“Não tenho muita esperança. Todo mundo se corrompe”

para se sobressair. “Ele tem que mostrar que é o melhor para ser reconhecido. Os gaúchos mesmo não assumem que são negros, dizem morenos. É um preconceito escondido, mascarado.”

Vanessa é católica, batizou as filhas na Igreja, mas não é praticante assídua da religião. “Acredito em Deus, tenho muita fé, mas não sou uma pessoa religiosa. É bom ter em que acreditar, porque o lado espiritual tem que estar seguro, de alguma maneira.” Já em relação à política, Vanessa afirma estar desanimada. “Não tenho muita esperança. Todo mundo se corrompe.” Para ela, em São Leopoldo, onde mora, falta investimento em áreas como educação e saúde. “Sei que lazer é importante, mas eles fizeram um investimento alto no Carnaval. Enquanto isso, passei o maior trabalho para arrumar creche para a minha filha e não nem posto de saúde. Eles voltam os objetivos para coisas que não são tão necessárias.”

Aos 24 anos de idade, Vanessa ainda tem muita vida pela frente. No entanto, ela garante que já passou por duas grandes alegrias: “O nascimento das minhas filhas”. Apesar de ter passado por algumas dificuldades, ela destaca que ainda não viveu sua maior tristeza, além das perdas na família. “Espero que este momento demore bastante para chegar.” Ao olhar para trás, se tivesse que fazer algo diferente, Vanessa só teria dado mais valor aos estudos. “O resto faria igual.”

IHU Repórter

Maria Virgínia Petry

POR BRUNA QUADROS

A relação de Maria Virgínia Petry, 47 anos, com a Unisinos vem de longa data. Em 1982, ela entrou na universidade como aluna para cursar Biologia, gosto que conheceu ainda na infância, pela vivência em meio à natureza. Em 1995, após concluir o mestrado, ela passou a fazer parte do quadro docente da instituição. Em 26 anos de Unisinos, ela traz na bagagem muito mais que conhecimento acadêmico. “Participei de dez expedições a Antártica com o objetivo de estudar a rota migratória e a biologia das aves Antárticas.” A seguir, acompanhe a entrevista concedida durante visita à redação da revista IHU On-Line, na qual a professora destaca que a política deveria ser voltada à geração de emprego e acesso à educação, e não somente para o assistencialismo.



Foto Bruna Quadros

Origens - Sou natural de Ivoti. Sou a mais nova, de 11 irmãos. Estou com 47 anos. Morei em Ivoti até os 13 anos, quando o meu pai faleceu, com câncer. Ele era agricultor e tinha um alambique. Minha mãe era dona-de-casa. Quando nasci, meus irmãos mais velhos já não estavam mais em casa. Aos 10 anos, saíam de casa para estudar em internatos. Uma das coisas que marcou a infância foi a liberdade de brincar junto à natureza.

Valores - Com meus pais, aprendi a ter respeito pelos mais velhos e pela natureza. Além disso, eles me passaram valores de família. Até hoje somos muito próximos.

Estudos - Depois da quinta série primária, a escola era longe de casa. Como na época não tinha transporte escolar, tínhamos de percorrer 11 quilômetros a pé para estudar. A partir da sétima série, fui morar em Novo Hamburgo, junto com os meus irmãos mais velhos.